

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XVII VI/VIII Era APS



Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus XVII

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, David Soares, Devis, Gilberto de Lascariz, Naive, Paulo César, Sofia P., Vitor Vieira, Vulto

Revisão: Metzli

- Imagem da Capa: King Chaos
- Pág. 3: David (softwave.deviantart.com)
- Pág. 4: Stanley Morrison (smorrisonart.deviantart.com)
- Pág. 5, 35, 37, 38: Paulo César (www.paulocesar.eu)
- Pág. 6: Gabriel von Max "Der Anatom"
- Pág. 8: Big D (big-d.deviantart.com)
- Pág. 10: Tool (www.toolband.com)
- Pág. 11: Miguel Angel Rios Garcia (mgl-23.deviantart.com)
- Pág. 12: Liyana Hanif (naaera.deviantart.com)
- Pág. 13: Jon Reed (starboydeath.deviantart.com)
- Pág. 14: Aires Ferreira (www.serpente.net/airesferreira)
- Pág. 16, 17, 18, 20: Gilberto de Lascariz (www.projectokarnayna.com/edicoes-magazine/gilberto-lascariz)
- Pág. 23: Sylvie (rednihao.deviantart.com)
- Pág. 25: Scott Thompson (macrojunkie.deviantart.com)
- Pág. 26: O Imenschurável, Edições Afrontamento
- Pág. 27: Gary Glitter (garyglitter93.deviantart.com)
- Pág. 28, 29: Dark Wanderer (dorukseymen.deviantart.com)
- Pág. 30, 31: Azsacra Zarathustra (zw6.deviantart.com)
- Pág. 32, 33: Danielle tunstall (danielletunstall.deviantart.com)
- Pág. 37: Sara (yiiikes.deviantart.com)
- Pág. 39: Metzli
- Pág. 40: Sergio Halaby (sergiofx.deviantart.com)
- Pág. 41: David (paper-chase.deviantart.com)
- Pág. 42: Maciej (snugsomeone.deviantart.com)
- Pág. 43: Evgenija (bitterev.deviantart.com)
- Pág. 44: Neodecay (neodecay.deviantart.com)
- Pág. 45: Gustave Doré "The Fall"
- Pág. 48: Jean Christian Gilbert (vexingart.deviantart.com)



Editorial

Lurker

A Cor Negra – aplico a capitalização para evidenciar a importância que uma simples interpretação cromática do nosso campo visual tem em toda uma espécie. Vivemos dominados pelo negro, seja pelo seu receio, pelo seu abraço, ou pura e simplesmente porque é para esse vazio que caminhamos inexoravelmente. Com tão forte conotação, como não haveríamos nós de explorar a temática nestas páginas?

Como tem sido habitual ao longo destes anos que partilhamos em conjunto, é a multiplicidade de perspectivas várias, diferentes faces do prisma por onde olhamos a realidade, que representa a verdadeira riqueza da Infernus. Acolhemos essa diferença, por vezes até aparente contradição, como o veículo que nos faz evoluir número após número, numa analogia que devemos também aplicar à nossa evolução enquanto indivíduos. E quando achamos que um determinado assunto foi explorado até à exaustão, é refrescante depararmo-nos com uma abordagem fresca, diferente, revigorante. Porque nos obriga a reequacionar o que consideramos a verdade. Sempre relativa, nunca absoluta.

Ao longo das últimas edições fomos dando primazia a artistas, escritores, autores – indivíduos – nacionais. Não por uma qualquer razão geográfica (os limites impostos pelo Homem no papel não deveriam ser tão castradores) ou política (outra das grilhetas com que a Sociedade nos prende), mas antes porque valorizamos a nossa língua, a nossa tradição, a nossa cultura – não é nem melhor nem pior do que as outras, apenas diferente. E, como referido anteriormente, é essa diferença que nos interessa explorar aqui.

Esta será porventura uma das melhores edições da Infernus até à data. Acolhemos nas nossas páginas um texto de David Soares (um dos melhores escritores do fantástico no nosso país), usado pela primeira vez aquando da sua actuação no Cabaret Seixal 2010 e apresentado aqui numa inédita versão alargada. Falamos com Gilberto de Lascariz (já considerado como a figura mais importante do pensamento esotérico neo-pagão em Portugal) numa extensa entrevista que se prolonga destas páginas para a presença *online* do nosso *site*. E apresentamos uma peça inédita de Aires Ferreira (o senhor contra-cultura por excelência), que esperamos que se venha a repetir noutras edições da revista. Se a isto juntarmos as contribuições dos nossos colaboradores residentes e alguns convidados especiais – uns repetidos, outros que se estreiam – temos todos os ingredientes necessários para algo verdadeiramente excepcional.

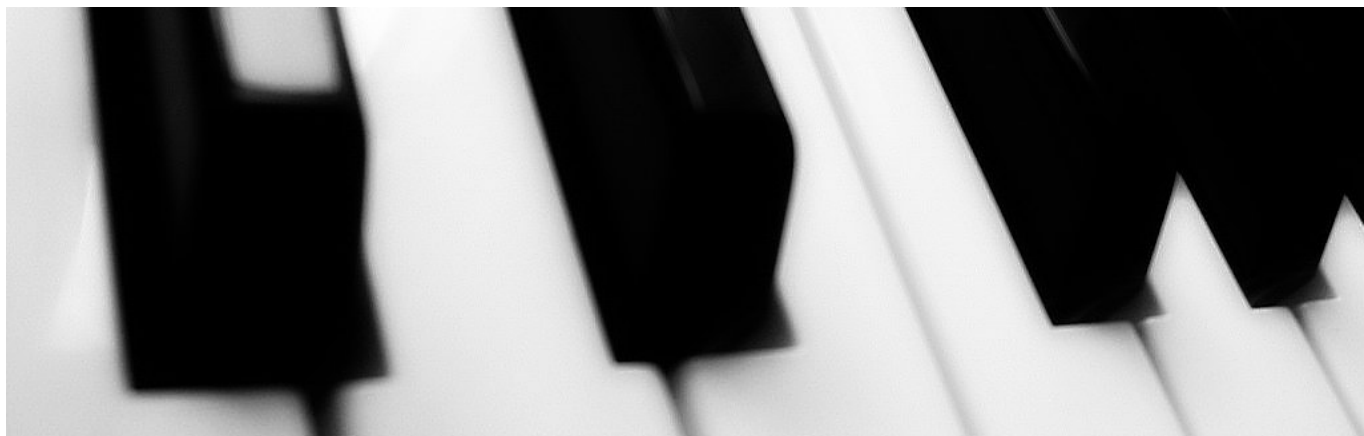
Uma palavra final para a HellOutro Enterprises, o nosso braço editorial. Depois de um hiato nos lançamentos, o recente vinil de La Chanson Noire marca também um virar de página – depois de assegurado um acordo internacional de distribuição dos nossos títulos (com a italiana Final Muzik), mais eventos como o recentemente realizado no Porto estão na forja, e novos lançamentos estarão disponíveis ao longo deste ano. Podemos ter que lutar diariamente para educar um público habituado à mediocridade, mas é preciso mais do que alguns obstáculos para nos conseguir derrubar.

Boas férias a quem as puder ter – aproveitem para colocar a leitura da Infernus em dia, e vemo-nos no próximo Equinócio! •



ÍNDICE

Ode ao Negro -----	4
<i>David Soares</i>	
A Tool of Satan -----	8
<i>Naive</i>	
A Cor Preta nos estereótipos sociais -----	11
<i>Sofia P.</i>	
Negro Orgen -----	14
<i>Aires Ferreira</i>	
Entrevista Gilberto de Lascariz ----	16
<i>Lurker</i>	
O Imenschurável -----	26
<i>BM Resende</i>	
Messe Noire -----	27
<i>Devis DeV deviLs g</i>	
Escuros Colaterais -----	32
<i>Mosath</i>	
Primeiro Estranha-se, Depois entranha-se -----	37
<i>Mekzi</i>	
Quem tem medo do escuro? -----	40
<i>Vitor V.</i>	
A cor negra no espectro de cores e o simbolismo que carrega -----	44
<i>Vulto</i>	
Cuidado com o degrau -----	48
<i>Outubro</i>	





Ode ao Negro

David Soares

Os pintores chamados impressionistas, do final do século XIX, não acreditavam que o preto fosse uma cor, porque sabiam, com razão, que essa pigmentação não reflecte nem emite qualquer tipo de luz visível ou invisível.

Apodados pelo crítico de arte Louis Leroy com base no título do quadro *Impression, Soleil Levant*, de Claude Monet, artista que, tal como um verdadeiro vampiro, era capaz de ver os comprimentos de onda da luz ultravioleta (o que, à distância, serve de explicação para a excentricidade da sua paleta), eles nunca poderiam relacionar-se com a cor negra do mesmo modo que se comportavam junto do púrpura, do azul ou do vermelho. Simpatia pelo laranja, sim. Amizade pelo amarelo, tam-



bém. Talvez, num final de tarde chuvoso, e se o almoço tivesse caído bem, pudessem perceber a delicadeza da cor da madeira e das nuvens cor de ferrugem; mas nunca, nem em momentos luminosos como estes, poderiam sentir senão desdém pela profundidade preta, acromática, que aos seus olhos parecia roubar-lhes a luz, à guisa de cegueira.

Vivemos num mundo de luz e, por conseguinte, de cores. Somos capazes de ver algumas, enquanto que outras escapam, de modo cabal, ao nosso escrutínio. Este mundo de cores, azul de madrugada, dourado ao meio-dia e púrpura ao crepúsculo, é antigo, com cerca de catorze mil milhões de anos de idade. Na verdade, é um palimpsesto, sobre o qual o velho é rasurado para se escrevinhar o novo; um pedaço curvo de papel com, mais ou menos, noventa e quatro mil milhões de anos-luz de diâmetro: mais do que suficiente para fragilizar qualquer candidato a demiurgo; aterroizante o bastante para provocar um infinito bloqueio de escritor. Flutuante no fluido espácio-temporal, como uma página arrancada a uma sebenta, esta quase imensurável vastidão branca não poderia valer de muito vazia e, depois de um primevo período de impedância, alguém, alguma coisa, percebeu o potencial do suporte e, sem que ninguém ou nada o impedisse, começou... a escrever!

"No princípio era o Verbo."

Verbo ou palavra, mas não falada porque nenhuma boca existia ainda. Uma palavra escrita. E escrita a preto. Criação em formato de alto contraste: preto sobre o branco. Formas delineadas com verve sobre a desapaixonada vagueza albugínea.

O preto é a cor do universo. É a cor da primeira tinta criada pelo homem, em imitação imperfeita do autor oculto que lhe ortografou as origens. Desde a alvorada da história que o homem cria narrativas, pintadas com pigmentos puros em paredes de pedra. Poesia primordial, petroglifos sequenciais, esboçados com partículas carboníferas provenientes de pedaços de ossos queimados. Quem foram estes neófitos neolíticos? Que inspiração primeval lhes lembrou de agarrar nas cinzas? Estes Ads Reinhardts primitivos, estes Wassilys Kandiskys das grutas, munidos com mais nada a não ser carbono e imaginação, deram-nos pistas pretas para pintar o porvir, para envolver os nossos próprios assuntos na abissal gramática do cosmos. Estrelas de rocha orbitam estas galáxias subterrâneas (tão pungentes quanto apaixonantes)

"Vivemos num mundo de luz e, por conseguinte, de cores."

de figuras toscas que ilustram os tectos eritematosos das cavernas: um Zodíaco de animais e homens extintos, signos sagrados que atenderam ao nascimento da fantasia.

O preto é, de maneira geral, a cor do pessimismo, da tristeza e da angústia. Costuma estar associado, na psique popular, à bruxaria e aos malefícios, mas o preto também é a cor do mistério e dos designios sobrenaturais. Judas é representado na iconografia cristã como tendo uma aura preta e Cristo traja paramentos pretos nas passagens em que é tentado pelo Diabo, personagem que é conhecida por Príncipe das Trevas. Em certas regiões rurais europeias ainda é praticado o invulgar jejum da galinha preta, no qual um suspeito de um crime é obrigado a jejuar durante nove dias: se ele não confessar, passado esse período, morre. Compreende-se com facilidade que o propósito da chamada Magia Negra é instrumentalizar o poder sobrenatural, na maioria das vezes sob diligência do Diabo, para desencadear danos. O mesmo Diabo que é representado num mosaico bizantino do século XIII, na catedral italiana de Torcello, como sendo um velho de pele de antracite que tem o Anticristo ao colo. Do mesmo jaez, os diabretes da famosa

Imagem da Escada do Paraíso de São João Clímaco, que puxam as pernas das almas ascendentes, para arrastá-las para o Inferno, são todos pretos. É a indicação de que se tratam de seres unidos ao mundo inferior ctoniano. Quando querem diabolizar personagens de ficção, ou dar a entender que elas são agentes do mal, os criadores têm o hábito de vesti-las de preto, como os vilões dos filmes mudos e os cavaleiros negros das canções de gesta, ou dar-lhes pele preta, como o autor belga de banda desenhada *Peyo* fez aos estrumpfes negros.

Mais do que qualquer outra cor, o preto emite um desafio que quase invoca as palavras que Cristo ressuscitado dirigiu a Maria Madalena: *"noli me tangere"*. O preto é uma cor austera, isenta e elegante. É uma cor inconformista, incomprometida e incompreendida. As variedades mais mansas de espécies consideradas perigosas costumam ser as melasmáticas, como o urso preto, o leopardo preto, o escorpião preto, o touro preto e o rinoceronte preto. Nem sequer o gato preto é tão tempestuoso quanto o siamês.

Serão ecos da *melainacholé* associada à cor negra?

Será por culpa disso que a cultura gótica tem fama de ser depressiva?

"A poesia é tanto dos túmulos!", disse o poeta Mendes Leal, melancólico autor de *Os Dois Renegados*, o primeiro "dramalhão" à portuguesa. E lúgubre é o *Locus Horrendus* luso, permeado por púrpuras pedaços de prosa, como *"horror misterioso"*, *"roxo cadáver"*, *"ossos mirrados"*, *"fétidas carnes"*, *"espectros que volteiam"*, *"pávidas sombras"* e, uma das minhas preferidas, *"lúcidos fantasmas"*, que, verdade seja dita, é um excelente nome para uma banda. Entre nós, sobretudo na literatura de folhetim da





primeira metade do século XIX, encontramos um tema continuado: o do desenterramento do defunto e o resgate da sua caveira como símbolo de uma vida miserável, terminada tragicamente. Literatura de cemitério é certo, como *A Caveira* de Camilo Castelo Branco, mas, em primeiro lugar, uma literatura de meditação, de realce dos flagícios da alma. Lances arrepiantes dos nossos romancistas góticos que, em conjunto, o crítico José Maria Andrade Ferreira caracterizou como sendo “um tratado de horrores. Parecia que andavam à aposta de quem havia de inventar mais golpes de punhal, mais imprecações de dentes cerrados e olhos em fogo, mais amores incestuosos e lutas de opróbrio moral. E tudo isto passado em subterrâneos lóbregos, ou à claridade opaca e sinistra de alguma velha sala de castelo roqueiro”. Baladas românticas estes contos tristes não são; sem préstimo para entreter, nem indicados para quem tem bom gosto. Contém um coração negro; um invencível pulsar nocturno e melancólico que os consubstancia. E ele é, ainda de acordo com o eloquente Andrade Ferreira, “um fluxo interminável de estupros, envenenamentos, raptos, delíquios, duelos, vinganças atrocíssimas, pugilatos de paixões, tiroteios de afectos”. Até Garrett criticou “a dança macabra de assassínios, adultérios e incestos, tripudia-

da ao som das blasfêmias e das maldições, como hoje se que fazer o drama”, ele que foi um dos nossos escritores mais melancólicos!... Mas melancolia não é horror... Na nossa literatura mais negra encontravam-se contos tristonhos de naufrágios, casos de amor infrutíferos, trovas saudosistas, às vezes um ou outro relato de feitiçaria ou uma partida pregada pelo Diabo, mas nenhum verdadeiro horror.

Porém, o que é a melancolia senão o “carácter da mortalidade”, como expressou Burton no seu magnífico tratado? Não é ela o pomo da actuação morbigeradora da bílis negra em demasia, que é um dos quatro humores e torna os homens cismáticos, irritadiços e inquietos? Muitas criaturas das trevas têm sangue preto. Mesmo assim, há outros melancólicos que, sem serem vilões, vêem um arco-íris e querem pintá-lo de preto, como fizeram os Rolling Stones em 1966. Em referência aos humores negros, não é curioso que, quase trinta anos depois, a banda sueca Deranged, que fez uma *cover* dessa música, tenha editado outra, no mesmo disco, intitulada *Vingança do Sémen Preto*? O negro é uma cor densa que transmite a ideia de peso. É, por isso, de estranhar que a música dita “pesada” tenha sido iniciada pela formação da banda britâni-

ca Black Sabbath? Noutras latitudes, o compositor finlandês Jean Sibelius compôs o *opus* *O Cisne de Tuonela*, sobre o cisne negro que Lemminkäinen, o herói do poema épico *Kalevala*, é incumbido de matar, antes de ser assassinado por uma seta envenenada. Vale a pena especular sobre a coincidência de Sibelius ter sido maçom, e composto música ritualística maçônica, quando a descrição de Lemminkäinen morto pela seta é análoga à exposição do corpo inerte de Hiram Abiff na imagética do terceiro grau simbólico da Franco-Maçonaria, que, anda por cima, tem como paramento um avental preto? Os cisnes pretos são tão reais quanto aventais pretos, mas foi preciso ir até ao outro lado do globo, com o advento do achamento da Austrália, em finais do século XVII, para descobri-los. Por outro lado, quando penso na cor preta, a música que me lembro com maior urgência é sempre o primeiro movimento da Quinta Sinfonia de Beethoven, o *Allegro Con Brio* e o seu bombástico *riff* de abertura. Esta cor e a música nunca mais se dissociaram, mas é na arte que ela encontra representações mais sofisticadas.

No quadro *Calúnia*, de Sandro Botticelli, que representa a queixa do pintor jónico Apeles contra as calúnias inventadas pelo rival Antiphilus, a personifi-



cação do Remorso é uma velha vestida de preto, mas quando penso sobre a cor preta na arte aquilo que lembro com mais frequência é o caminhante solitário que está virado de costas para o observador na pintura *Caminhante Sobre o Mar de Nevoeiro* de Caspar David Friedrich (verdadeiro farol caliginoso que arromba a bruma branca, à laia de esporão de um navio). O tom mais terreal de preto talvez pertença ao quadro *Dados: 1º A Queda de Água; 2º O Gás de Iluminação*, de Marcel Duchamp; reclinada de pernas abertas sobre a vegetação áspera, a Mãe Universal sugere que está pronta para o coito, o seu rosto está oculto, não é necessário vê-lo, pois ela é toda vulva. Observando-a de dentro de um espaço indeterminado, que tanto pode ser uma caverna como uma velha casa abandonada, o espectador (o iniciado?) vê essa personagem cercada por uma sombria coloração preta que contrasta de modo hostil com o céu azul. Mesmo assim, existem lugares negros muito mais terríveis que a gruta de Duchamp, se bem que mais etéreos: o interior escuro do quarto que é exibido na tela *O Pesadelo* de Fuseli; os cárceres desconfortáveis que podemos ver nas telas de Francis Bacon; e a câmara fatídica em que o pintor Gabriel von Max colocou o seu *Anatomista*. Neste quadro, o anatomista titular prepara-se para desvendar o corpo alvo de uma mulher morta, arrancando-lhe com brandura um sudário que mais parece uma placenta, o homem arroga o papel de noivo numa hierogamia entre o preto e o branco, união que gera o cinzento; cor que, no espectro cromático, possui o valor central. Logo, do Homem.

A etimologia é destino: será coincidência que todas as palavras conhecidas para designar a cor negra provenham de sinónimos para o acto de queimar? Caldos calcinantes de ossos e terra em cadinhos alquímicos pré-históricos. O Sol e a sua sombra: enxofre e mercúrio; união enegrecida da matéria e do espírito numa pasta putrefacta preta. *Nigredo* da existência terrena, melancolia hermética; noites saturninas, fedendo a suor e madeira queimada. “*A cor preta é o silêncio do corpo depois da morte*”, escreveu Kandisky, de maneira melancólica: “*A conclusão da vida*”. Pois se há algo que a cor preta evoca com mais facilidade é o conceito da morte.

A morte é um tema que nos é difícil de abordar; se não fosse, nunca usaríamos eufemismos como *sono* ou não diríamos que alguém falecido de fresco encontrou *tranquilidade*. O que fazemos nestas circunstâncias é antropomorfizar a morte, mas isso é errado, a morte não nos pertence. A morte criada pelo poe-

“O preto é a cor do universo. É a cor da primeira tinta criada pelo homem, em imitação imperfeita do autor oculto que lhe ortografou as origens.”

ta John Milton devorava as vísceras da própria mãe, o que pode ser interpretado como sendo uma alusão grotesca à amamentação (ao *elan vitale*), mas a introdução da morte nas nossas vidas é uma experiência devastadora. A definição clínica da morte é de que se trata da cessação permanente das funções vitais, mas como atestar, de modo infalível, o fim de todas as coisas? No conto *The Premature Burial*, Eddie Poe formulou esta questão: “*The boundaries which divide life and death are at best shadowy and vague. Who shall say where the one ends and where the other begins?*”

A respiração pode manifestar-se em movimentos do diafragma tão suaves que são invisíveis a olho nu. A descida da temperatura corporal também não é um indicador seguro. Os músculos da íris continuam a reagir à luz horas depois da morte e o ritmo cardíaco pode ser influenciado a abrandar até à quase imobilidade. Diagnosticar um óbito não é fácil e o medo de ser enterrado vivo apavorou os nossos antepassados durante séculos. Escritores como Poe, é claro, mas também Hans Christian Andersen ou Dostoiévski, que guardavam nos bolsos instruções precisas, cujo objectivo era alertar os descobridores dos seus corpos inertes, em caso de acidente ou má-sorte, que o funeral deles só podia ser realizado uma semana após a morte. Com efeito, só existe uma maneira segura de confirmar a morte: a presença da putrefacção.

Só esse estádio é apanágio da matéria morta, mas nós não assistimos à decadência dos nossos entes queridos, nem testemunhamos como a sua pele enegrece e os corpos moles incham, libertando líquidos e gases fétidos cuja pressão empurra as vísceras para fora dos orifícios naturais. Nem sequer somos capazes de imaginar o luxo em que consistiu o banquete dos vermes, antes

dos coveiros esvaziarem a sepultura e jogarem fora as ossadas. “*A putrefacção é a parteira de muitas coisas grandiosas! Faz com que as coisas apodreçam, para que novos frutos nasçam*”, escreveu Paracelsus, mas outros espíritos inquietos, e mais modernos, também celebraram a beleza da decomposição: “*Lembras-te, meu amor, de uma coisa que vimos / Nessa manhã de Verão, suave: / Na curva de um caminho um pútrido cadáver, / Num leito de pedras, sozinho. (...) Na podridão brilhava o Sol com a certeza / De quem parecia cozinhá-lo, / Para devolver com juros à Mãe-Natureza / Tudo o que ela um dia juntara*”, versejou Baudelaire que, tão famoso ficou por culpa deste poema, lhe chamaram Príncipe das Carcaças. Porém, por mais que se poetize a morte, ela não é mistério nenhum. E também não é nenhum castigo. Nós envelhecemos porque, entre outras coisas, consumimos oxigénio: ao queimá-lo no *athanor* que é o corpo, libertamos resíduos corrosivos que oxidam as estruturas celulares e impedem a sua duplicação. Em suma, *nós morremos porque enferrujamos!*... Somos criaturas aeróbias, pluricelulares e sexuadas, tanta diversão junta tinha de ter um preço.

O preto enquanto cor do luto ocidental invoca o *nigredo* alquímico que amalgama a matéria e o espírito; imagem fortificada pela ideia do velório, esse período em que todos os compostos se encontram em suspenso. “*Quero ser como o corvo*”, bradavam os alquimistas de outrora, “*quero ser como o corvo*” e, estupefactos, verificamos que somos mesmo todos como ele quando nos reunimos em redor do caixão recheado com o cadáver. Somos verdadeiras luzes vigilantes que deixam que o defunto putrifique, no decorrer da longa noite da alma. Desse ponto de vista, a significação da cor preta como símbolo do solo fértil faz sentido: a terra que conserva as sepulturas, morada dos mortos e novo útero. “*Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só; mas se morrer dá muito fruto*”, diz-nos o Evangelho de São João, no capítulo alusivo à última Páscoa: festividade religiosa que agarra o conceito da destruição da matéria, para apresentá-la renascida. Regeneração e promessa: pareceres pugnados pelo décimo terceiro arcano de um baralho de Tarot: a Morte. Iniciática, esta “morte” é, somente, o prelúdio de um nascimento verdadeiro. O ameaçador esqueleto negro que agarra a gadanha introduz o consultado num novo ponto de partida, simbolismo que não deixa de reflectir-se no próprio algarismo 13 que enumera o arcano e que sucede ao 12, número da completude. •



A Tool of Satan

Naive



Não sou apologista de se associar e fundamentar determinada doutrina filosófica, religiosa, artística, ou política com palavras ou actos de determinado autor, sem que, para isso tenha sido consultada a sua opinião em relação à temática em questão.

A única lei ou verdade universal de que me compadeço é a da subjectividade na relação entre as coisas, e para isso aludo a uma citação de Nietzsche: “Não existem factos, apenas interpretações”. É e será sempre segundo essa relatividade que interpreto e espero ser interpretado.

A humanidade tem sido profícua em más interpretações, lembro-me de ter lido que nazis e aliados durante a segunda guerra mundial se serviram de profecias de Nostradamus para tornar épicos os seus interesses estratégicos de guerrilha e conquista. Lembro-me que a denominada *Bíblia Sagrada*, ou *Bíblia dos Escravos*, como eu lhe chamo, justifica o chacínio de animais e pessoas com intentos redentores e purificadores para com um determinado Deus único, que se esqueceu de esculpir também na pedra sagrada um parêntesis ao lado do sexto mandamento que diz algo como isto: “*Não Matarás (a não ser em meu nome!)*”

Aligeirando um pouco a questão, e polvilhando-a com algum sentido de humor, tinha de escrever acerca deste caso algo caricato no meu entender:

Após o seu primeiro álbum, *Under tow*, que sucedeu ao Ep *Opiate*, os Tool foram relacionados com o Satanismo. As origens desse boato são-me de todo desconhecidas, talvez pela necessidade de catalogarem ou psicanalisarem a densidade e bizarria da música da banda, e em especial as letras do seu vocalista, Maynard James Keenan. Mas como os boatos não são prova de nada, e raramente são postos à prova, continuo na ignorância em relação a essa especulação sensacionalista. Os Tool também não se preocuparam em confirmar ou desmentir o que quer que seja, mas não deixa de ser curioso que, no álbum seguinte, a Obra-Prima da banda, *AEnima*, a qual marca a consumação do seu extraordinário potencial criativo, existe uma faixa chamada *Die Eier Von Satan* (*As bolas de Satan*) em que uma simples receita em alemão de um bolo é declarada em forma de exorcismo por uma voz algo sinistra, ao som de um coro

reverencial e chicotes a estalar num ambiente soturno e maquinal, como se do holocausto se tratasse! Para não falar da explicitude da *Message to Harry Manback* “You know you’re gonna have another accident? You know i’m involved with black magic? Fuck you. Die bastard”. Não sei se será uma resposta ao que quer que seja, se é que existe algo que mereça ser respondido, mas o sarcasmo de ambas é deveras delicioso para que não o comentasse!

Mas porque a filosofia é antes de mais um prazer a que não me nego de experimentar e partilhar, aproveito a embalagem deste caso *sui-generis*, e, citando Oscar Wilde: “*Toda a arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo. Aqueles que descem à sua superfície fazem-no com risco seu*”, ousou então aprofundar-me um pouco mais no cruzamento teórico entre essa Obra-Prima dos Tool que é *AEnima* e a Filosofia Satânica, porque, curiosamente, no meu entender, até têm realmente muitos pontos de encontro entre si, que, ao contrário dos boatos, tentarei sustentar intelectualmente, centrando a minha análise mais especificamente na interpretação semântica da lírica da banda, que o seu lado musical não se descreve, SENTE-SE com a pulsação da alma em alvoroço, e o seu lado visual é um assombro estético que paralisa o olhar contemplativo (aqueles videoclips são ARTE PÚRA)!

Se o Satanismo é a filosofia do Eu ritualizado e elevado à sua condição de divindade, saliento, para além do ritualismo evocativo presente nas próprias músicas e interlúdios de Tool, letras que falam de descoberta e emancipação pessoais como a de 46&2: “*I wanna know what i’ve been hiding in my shadow*”, assonação de todas as vicissitudes desse mesmo Eu “*I choose to live and to grow, take and give and to move, learn and love and to cry, kill and die and to be paranoid and to lie, hate and fear, and to do what it takes to move through*” sempre numa perspectiva evolutiva “*Forty six and two it’s just ahead of me*” como na última faixa *Third Eye* que é uma viagem entre a imanência e transcendência do ser à luz

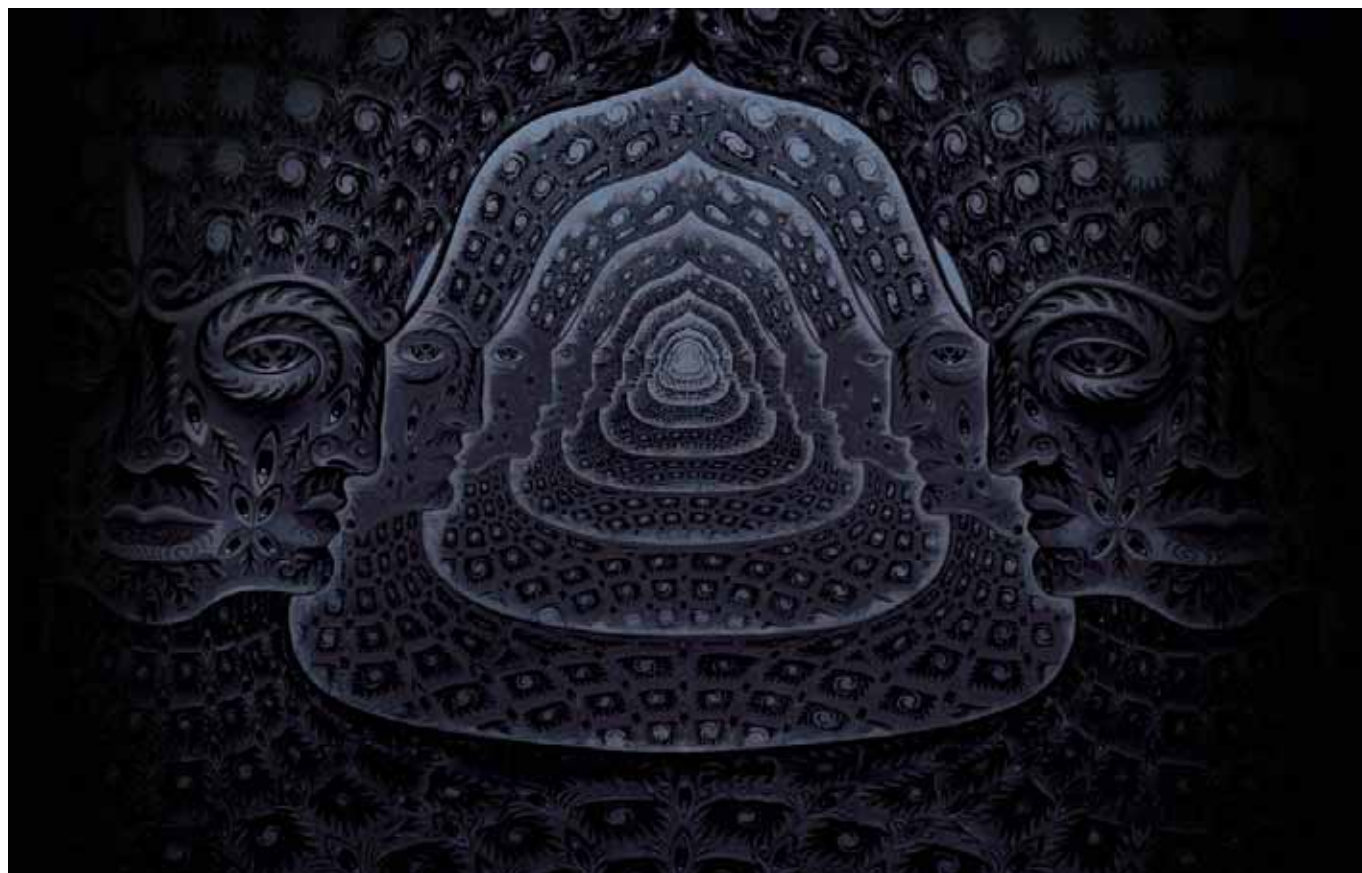
“Entre outras considerações mais proveitosas que fizeram de Tool foi o da sua música ser extremamente terapêutica... que o seu nome remonta ao facto de quererem que a sua música fosse uma “ferramenta” para uma cura interior através da exploração da dor física e emocional[...]

da percepção interior, evocada repetidamente num imponente e poderoso rugido: “*Prying open my Third Eye...*”

Se o Satanismo defende a Vida como o bem mais essencial a ser sentido e preservado, e incentiva à constante mutação do ser nesse sentido, olhemos para a insatisfação do refrão de *Stinkfist*: “*It’s not enough, i need more, nothing seems to satisfy, i don’t want it, i just need it, to feel, to breathe, to know i’m alive*” para mais à frente marcar bem forte o seu inconformismo: “*I’ll keep digging till i feel something...*” mas nada de descontrolo: “*Shoulder deep within the borderline, relax, turn around and take my hand*”

Se o Satanismo não se compadece de martirizações, saliento o eloquente sarcasmo dos dois últimos parágrafos da segunda faixa *Eulogy*: “*Come down, get off your fucking cross, we need the fucking space to nail the next fool martyr*” para sem dó nem piedade dar a estocada final: “*to ascend you must die, you must be crucified for your sins and your lies, GOODBYE!*”

E se o Satanismo é, entre tantos outros raios de acção, também contestatário, e derruba mitos sociais e religiosos através do mero exercício da inteligência, aludo por último à letra da música *Aenema*, em que mais uma vez, Maynard se serve do seu extraordinário sarcasmo para ridicularizar o tão temido



Apocalipse: “*Some say the end is near, some say we will see armageddon soon, i certainly hope we will, i sure could you use a vacation from this*”: e satiriza as bengalas materiais e psicológicas do Homem na sociedade: “*Fret for your figure and fret for your latte and fret for your hairpiece and fret for your lawsuit and fret for your prozac and fret for your pilot and fret for your contract and fret for your car*” para deixar um precioso conselho a ecoar aos tementes antes que venha o dilúvio: “*Learn to swim...*”!

Os paralelismos filosóficos com a ideologia Satânica não começam nem se esgotam no álbum *AEnima*, pois já os primeiros registos de Tool demarcavam uma propensão intelectual, espiritual e criativa muito característica, com a raiava à flor da pele e o denominado humor negro englobados numa sonoridade, cuja Mestria da sua elaborada complexidade derivava também para outros contextos artísticos. Os dois últimos álbuns, *Lateralus* e *10.000 Days* mostram-nos o polimento e maturação dessa receita, e outras envoltórias psicadélicas em torno da essência matriz que, no meu entender, teve em *AEnima* a sua explosão matriarcal.

A sua postura no panorama musical também é digna de registo, dado que assumem que fazem Arte em primeiro lugar para se satisfazerem a eles mesmos, e quem gostar gostou, quem não gostar *whatever!* A propósito da relação com

os fãs disseram uma vez qualquer coisa como isto: “*We don’t kiss the ass of our fans*” e ainda no mesmo álbum *AEnima* Maynard dedica a música *Hooker with a Penis* a um suposto fã que os acusou de serem uns vendidos dizendo: “*All you know about me is what i’ve sold you, dumb fuck, I sold out long before you even heard my name*” para mais uma vez terminar berrando ironicamente: “*Buy, buy, buy my new record... sendo more money*”

Entre outras considerações mais proveitosas que fizeram de Tool foi o da sua música ser extremamente terapêutica... que o seu nome remonta ao facto de quererem que a sua música fosse uma “ferramenta” para uma cura interior através da exploração da dor física e emocional... que a palavra *AEnima* é uma fusão da palavra *Animus* (cunhada por **Carl Jung**, discípulo de **Freud**, para descrever a força do oposto complementar na mente masculina ou feminina) com a palavra *Enema* que além de inimigo designa também lavagem do ânus, e que juntas poderão significar limpeza ou purgação da alma. Eu nem contrário, nem ponho as mãos no fogo por essas teorias. Aceito que tenham muita razão de ser, pelo que eu próprio Sinto e interpreto da banda, mas fundamentalmente, Tool é, primeiro que tudo, uma Extraordinária banda de Rock/Metal Progressivo ou Art-Rock, como lhe queiramos chamar, que aborda ainda outros quadrantes artísticos

e filosóficos na sua criação... e se algo representa é primeiro que tudo Individualidade e Liberdade de Ser, Sentir, Pensar, Criar e Evoluir. Parece-me, no âmago da minha pretensão, ser essa a principal mensagem que tentam passar na esplendorosa Arte que nos ofertam tão talentosamente...

Para terminar socorro-me ainda de outra frase que aparece declamada no início do seu álbum ao vivo *Salival*, e que diz simplesmente isto: “*Think for yourself. Question authority...*” Se tudo isto não tem nada a ver com a Filosofia Satânica, das duas uma: Ou me estou a tentar servir dela para fazer um tributo lírico a estes Deuses da Música, da Arte e da Individualidade... ou não percebo mesmo nada do que é o Satanismo! Digam-me vocês...

*46&2 é baseado numa teoria elaborada por Carl Jung, e disserta acerca da composição de cromossomas com vista ao próximo nível da nossa consciência genética, que alude a um nível mais espiritual. A composição genética actual de 99,9% da humanidade contempla 44 cromossomas e 2, e a teoria de 46&2 visa um passo no sentido da perfeição. 46&2 é também entendido como a *A Consciência de Cristo*. •

(Fonte: <http://www.pisceandelusions.org/reference/462theory.html>)

A Cor Preta nos esterótipos sociais

Sofia P.





A cor negra, esteja onde estiver, tem sempre um simbolismo forte e universal. O efeito que tem em nós é primal, antigo. Escondido na nossa matéria. Expressado ou temido. Como a noite. Vamos buscar o negro à natureza física, à natureza psíquica, e à nossa própria consciência.

Na sua essência, o negro é a noite. Preferencialmente uma noite fria, sem fogo. Sem luz. E sem segurança. O negro é a desconfiança de sermos perseguidos. De sermos consumidos. Ou de morrermos de solidão.

Na sua amplitude, o negro é o vazio. O espaço vazio entre a matéria. Apesar das novas teorias sobre a existência de anti-matéria, o negro, o preto, aquilo que não se vê, é o espaço silente entre aquilo que existe. Se o mundo fosse um livro, as suas páginas seriam pretas, e não brancas. Tudo o que existe, existe sobre uma tela negra.

Nesta perspectiva de tela negra, a vida às escuras pode ser bastante cla-

rificadora. Se fecharmos os olhos, vi-ramo-nos para dentro de nós próprios. Podemos escrever pensamentos diante dos nossos olhos fechados. Usamos a página preta para escrever o que bem entendermos. Ou então, lemos o que sempre esteve lá escrito, nas entrelinhas negras, sem o ruído visual do dia-a-dia.

O caçado, ou cagarolas, tem medo do escuro

"Ele nasceu diurno e morreu noturno. Das trevas veio e às trevas regressou. Porque os seus olhos nunca reflectiram a luz dos orbes dos gatos, nem o seu corpo se moveu silencioso; quando a noite vem, ele

não se esconde para a emboscada, mas para a reclusão dos emboscados."

Está implícito no nosso ser que a noite nunca foi aliada da nossa continuidade. Algures na lotaria biológica, eventualmente darwiniana, e por isso mesmo não muito fortuita, alguém escreveu que quando estamos de costas voltadas para o sol, historicamente, as nossas hipóteses de sobrevivência reduzem drasticamente. E então, temos medo. Medo do que a escuridão pode trazer nas suas asas mudas. Por cima de nós, ou vindo de baixo. Por trás, ou a um palmo do nosso rosto. A cegueira, mesmo de olhos inquietos e perscrutadores, torna-nos mais incapazes do que somos. Por outro lado, de olhos vendados pela cor preta, aquilo que não é visível intensifica-se. Isto inclui os nossos outros sentidos. Um sexto. A intuição, o instinto. E um sétimo. A imaginação. Acontece, então, uma sobrecarga de estímulos. Sentimo-nos, talvez, demasiado vivos no meio da morbidez do escuro. Isolados dentro dele como um único foco. A audição será, provavelmente, o primeiro sentido a sofrer uma agudização intensa, procurando sons, fontes de sons, identificação de sons. No meio do nada do negro, um suspiro é um grito. Um roçar, um raspar intenso. A res-





piração é sentida como uma fonte de som constante e denunciador. Inevitavelmente perturbador.

Acredito que podemos sentir a escuridão, quando estamos completamente envoltos nela. Pode ser fria, muito fria, e cortante. Ou pode ser quente e opressiva. Quando a escuridão acontece em momentos bons, pode ainda ser morna e segura. Porque o nada da escuridão nos pouso na pele, como flocos, para cobrir tudo à nossa volta.

O caçador

“Objectivos obscuros definem o caçador. Neste caso, o negro é o seu aliado! (colocar entoação pseudo dramática aqui). Numa visão artística ou cinematográfica ele até se veste de negro e é obrigatório ter alto sentido estético.”

Ironias à parte, quando falo em caçador, não me refiro a alguém que sai para caçar *ipsis litteris* (o que quer que seja), mas alguém com as características intrínsecas de um caçador bem sucedido (mais uma vez, do que quer que seja). Nos negócios, o preto é visto como uma cor sóbria e que inspira autoridade. Se não o preto, as cores escuras. Na esfera social, a percepção já pode depender dos gostos pessoais. Porém, geralmente, o preto insinua algum mistério. Qualidade essa geralmente atractiva ao sexo oposto. O reverso da medalha é que o preto também pode ser intimidador, pois representa agressividade, razão pela qual, apesar de estarmos muito sexy, acabamos por ir sozinhos para casa.

Mais uma vez me sinto tentada a fazer um paralelismo entre o social e a história biológica; entre o caçador e o caçado; entre a noite e o dia. Quem adoptou a noite como seu covil simbólico, tem a mera pretensão (fundada ou ilusória) de que prefere ser o caçador do que o caçado. Dependendo do à-vontade com que alguém se move nas trevas, assim se denomina caçado *“ele não se esconde para a emboscada, mas para a reclusão dos emboscados”* ou caçador *“ele esconde-se para a emboscada, não para a reclusão dos emboscados”*.

Obviamente, tudo isto pode ter várias interpretações sociológicas. Muito desta dicotomia não passa de uma falsa pretensão em ter algum controle sobre o que quer que seja. Mas tenho a noção de que o preto pode ser usado para evidenciar traços, que geralmente estão associados ao poder.

O depressivo

“Ele estava sentado na escuridão densa. Aninhado contra uma parede. De olhos abertos, a escuridão não era completamente escura. Movia-se. Movia-se à sua frente.

Quando fechou os olhos, o negrume tornou-se ainda mais negro. Havia dentro de si mais trevas do que a ausência de luz.”

O depressivo é tão inteligente que as respostas às questões fundamentais da vida são tantas que tudo o que resta é escuridão. Ou pelo menos, ele gosta de pensar assim. Aqui, o negro é mesmo a soma de todas as cores.

Dizer que o depressivo é demasiado inteligente é apenas uma piada reductora. Até porque há vários tipos de inteligência. E o depressivo pode não ser propriamente um génio emocional. Ainda assim, é provável que a depressão advenha de uma percepção errada da realidade. Ou demasiado certa. A expressão *“santa ignorância”* deve ter alguma razão de ser. De qualquer forma, a associação entre a depressão e a cor preta pode ser feita. Ou como forma de expressão (o luto, a perda, ou a simples tristeza existencial), ou como refúgio (a casa às escuras, os olhos fechados debaixo do lençol, e em última instância, o desfecho inevitável – a morte, porque duvido que depois da vida haja algum túnel de luz...).

O viciado no mistério

“Tudo o que ele conseguia ver, para lá das vidraças do casarão anguloso, era uma escuridão opaca. Que mistérios se escondiam no meio da massa obscura? Talvez a resposta para todos os mistérios do mundo, talvez o Sócrates, talvez um pão-de-ló. Fosse o que fosse, teria de saber. Quando acendeu as luzes, sentiu-se decepcionado...”

“Se o mundo fosse um livro, as suas páginas seriam pretas, e não brancas. Tudo o que existe, existe sobre uma tela negra.”

O mal do mistério, é que queremos muito que deixe de o ser. E quando o deixa de ser, já não tem graça nenhuma. Sentimos uma momentânea sensação de satisfação, se for caso disso trocamos uns comentários sobre quem tinha razão, e depois nem pensamos mais no assunto. Aqui acontece toda a subversão da cor negra e do seu tenebroso e fascinante esplendor. Ao acendermos uma metafórica luz sobre o mistério, enchamos o espaço de trivialidades desapontantes. Daí que continuo a achar que há mistérios que devem continuar a ser negros.

O caçado, o caçador, o depressivo e o viciado em mistério existem todos em mim. Como existem outros mais alegres, mais idiotas, ou mais clarificados. Nós também somos a soma de todas as cores. •





NEGRO ORGEN

Aires Ferreira

Negro Orogen

Quando fecho os olhos antes de dormir,
visto-me de negro preto puta.

Na ausência total de claridade,
tudo se esvai e venho-me para mais perto de mim.
Todos os meus pensares são cifra negra,
quando o negro apaga tudo à minha volta.

No negro, moro na rua Califórnia, 6114.

Trabalho no circo para matar a fome,
para fumar ópio com os trapezistas
e beijar a mulher de barba
enquanto ela estranha eu não ter pêlo.
E eu digo-lhe que no negro,
a sua corcunda e cheiro fétido por entre as pernas,
são dignos de um vestido branco,
e muito vento por baixo para arejar.

E no negro, atenta,
escreve-se sempre em código:
Sabe que a ilusão é infinda.
Acreditas no que eu quiser.
Terás só e apenas o que te der.
Acreditas no que eu quiser.
Não permitas tal!

Só no negro és livre!
Ninguém te vê os pecados,
as falhas, os erros e os
tenebrosos defeitos.
No negro, somos iguais,
violentos e anCIOSos animais.
E o negro, nunca, nunca, nunca é demais.

Gilberto de Lascariz

Lurker







Como te apresentas a quem não te conhece, do ponto de vista pessoal e do teu percurso?

Com toda a franqueza não é meu hábito apresentar-me a quem não conheço. Não gosto de me autodefinir para ninguém porque o conhecimento interpessoal é um processo vivo e peculiar. A maior parte das pessoas que se interessam pelo Esoterismo em Portugal já ouviram falar de mim. Não deixa de ser interessante que tenham tantas ideias preconcebidas e contraditórias sobre quem sou. Eu gosto dessa proliferação de imagens icónicas contraditórias, por vezes cheias de fantasia e, outras vezes, até mesmo cheias de ressentimento. Não quer dizer que essas imagens correspondam à minha realidade *per si*, já que ao longo da minha vida sempre povoei o mundo de muitas máscaras sociais. De certa maneira ajudei a criar essas contradições.

Quais são os teus principais interesses e os teus objectivos como indivíduo?

O acto de viver define-se para mim em função do horizonte da Iluminação e da Imortalidade. Tudo o resto é secundário e são apenas digressões e jogos de reflexos. Passei muito tempo a matar Deus e o meu Ego para perceber que a inutilidade com que se alimenta objectivos só é permitida a quem não está ainda no Eterno Presente.

Deixa-me começar pela corrente Esotérica do teu trabalho: Neo-Pagão, Wiccan, Xamã – algum destes epítetos se ajusta a ti?

Ao longo da minha vida eu assumi muitos semblantes. É pelo facto de uma vida não ser tão curta como isso que viver é, para mim, estar sempre a morrer e a renascer. Sem dúvida essas faces, essas peles sociais, corresponderam numa parte do meu passado a uma necessidade interior de explorar a dimensão multifacetada da espiritualidade humana e de a levar para lá dos seus referentes primários. Eu não sou pessoa para permanecer toda a vida, como um padre de paróquia, preso ao estreito mundo de uma religião seja ela Wicca ou Theleme. Julgo que se daqui a uns anos me encontrares descobrirás sobre a minha face outra face nova ou, então, faces velhas de novo ressuscitadas. Por detrás dessas faces, dessa dispersão de



iconografias e representações, está o Eu, a Autoconsciência, o Olho Sempre Aberto do Bode no Alto *Sabat*. Ora essa autoconsciência, que é a minha “essência” para parafrasear Gurdjieff, pode usar vários meios para chegar a si mesma e simultaneamente se auto-liquidar e auto-transcender. O Neo-Paganismo, o Wicca, o Xamanismo, etc. foram passagens, pontes, máscaras do meu percurso. O essencial é o Ser.

Podes-nos falar um pouco da criação do Projecto Karnaya? O que te motivou a fazê-lo, e qual a retrospectiva que fazes sobre os seus resultados?

O Projecto Karnaya nasceu em

1999 quando de súbito descubro que existe um grande bulício à volta do Wicca entre a juventude portuguesa e, simultaneamente, um grande desconhecimento dos seus antecedentes históricos e seus pressupostos iniciáticos. O Belenus e a Morgana do Lago, da loja Caldeirão da Bruxa, que já não existe, convidaram-me então para fazer um workshop sobre o assunto e foi com espanto que reparei que tinha imensa gente à minha volta perguntando-me sobre como fazer o caminho mágico do Wicca. Então lembrei-me de criar um projecto que fornecesse meios às pessoas para o compreender melhor.



“Não deixa de ser interessante que tenham tantas ideias preconcebidas e contraditórias sobre quem sou.”





Qual é o propósito actual do Projecto Karnaya? O que falta ainda atingir?

Neste momento o Projecto Karnaya está na sua fase final. Vai fazer 11 anos no fim deste ano de 2010 e, finalmente, penso fechá-lo. Onze anos é para mim um número muito especial, como deves calcular. Um número de fim e começo, um número *daathico*. De qualquer maneira é para mim já muito tempo. É tempo de celebrar outros projectos.

Particular motivo de interesse é também a casa-museu Lascariz – qual foi o motivo da sua criação?

Desde a minha infância que eu sempre gostei de museus. O que me deslumbrava no museu era o silencioso fantasma de alguém que embora desaparecido sobrevivia nos ecos que ele ficaram e serviam de pretexto para o deslumbramento, para o sonho e a saudade, mas sobretudo como ardid para o nosso próprio auto-conhecimento através da sombra dos outros. Ora, um dia em que estava fazendo uma ascense mágica que implicava uma profunda meditação sobre a Morte acordei no meu quarto e quando olhei para a cama desfeita ao amanhecer, quando me levantei, tive uma sensação estranha de que já tinha morrido, de que estava a ver o eco vazio de toda a minha vida. Havia qualquer coisa no vazio da cama que me lembrava os vazios de outras camas de outros membros da minha família que tinha visto morrer. Então lembrei-me de todas as casas-museus que conhecera e desse cheiro especial que tem o vazio, desse halo de estranha santidade, desse cego deslumbramento de ausência a que chamamos Morte. Foi então que me lembrei que tinha um dia de tornar a minha casa numa casa-museu onde celebrasse o Ausente de mim mesmo, a minha própria Sombra.

Fala-nos do seu espólio, principalmente o literário – quais são os elementos que destacas?

Trata-se de uma biblioteca de pesquisa esotérica distribuída por três cantos da casa onde predomina sobretudo os temas de bruxaria tradicional, xamanismo e mão-esquerda, e subsidiariamente de gnosticismo, magia, alquimia e arte. Desde a infância que fui um apaixonado por livros. Com dez anos tinha já trezentos livros de banda desenhada que acabaram por se perder à medida que os fui emprestando aos meus amigos. A razão de toda a perda dessa pequena biblioteca foi o meu pecado: a caridade. Desde então deixei de praticar a caridade.

Falando de livros, a maior parte das pessoas conhecer-te-á pelos que editaste – o que te levou a escrever?

O que nos leva a escrever por vezes é um mistério que emerge das profundezas imaginárias da nossa infância. Tudo nasce na infância, pelo menos para mim. Ainda me recordo dos cheiros dos limoeiros do jardim do meu avó e da janela que se abria no Verão para o milheiral, de onde se ouvia o murmúrio dos regatos. É essa memória, essa imaterialidade, que eu pretendia por vezes reter em vão através da escrita, como tentei no meu livro *Mãe Canibal*. Com o tempo e as minhas experiências bizarras de sonhos lúcidos e encontros luminosos a minha vida tomou um rumo novo e a escrita veio cumprir uma outra função: a de desafiar as pessoas a atravessar o estreito caminho que nos leva deste mundo objectivo para o Outro Mundo. Ora a recusa deste mundo objectivo como único referente do nosso existir tem algo de satânico, se assim posso dizer, pois é Satã e, outras vezes, Lilith, que na tradição nos conduz através dele com a sua faceta de Thanathos Porta Luz. Mas a minha viciosa dependência da escrita vem também da minha dependência da leitura. A escrita é, para mim, a mais misteriosa e imaterial de todas as artes. Ela fascina-me pela sua virtualidade de ser pura imaterialidade guardada no eco das palavras, de ser uma porta aberta pelo jogo da mão para o Outro. Quando cresci, muito influenciado pelas tertúlias literárias em que vivi, quis criar também esses Golems que são os livros esotéricos

Podes-nos falar um pouco sobre os teus livros? Qual recomendarias primeiro, para quem ainda não te conhece como autor?

Eu recomendo sempre o meu primeiro livro, *Mãe Canibal* e o meu posfácio ao livro de Nigel Jackson, *O Chamado dos Velhos Deuses*. O primeiro é um livro que não sei se seria capaz de voltar a escrever hoje, com a tanta sinceridade que falo dos meus fantasmas e dos meus abomináveis assombros. É o meu livro “satânico” por excelência, sob uma forma de escrita em fragmentos ao estilo de Gabriele D’Annunzio, o *Primeiro Duce*, que eu então admirava. O segundo, é um artigo irreverente e polémico sob forma de posfácio e na área da Bruxaria Tradicional, tal como eu a pratico e ensino no contexto do que é chamado “*O Caminho da Boa Morte*”. A partir de 2008 surgiu uma nova fase de publicação através da colaboração com a Editora Zéfiro não só na área da publicação mas de projectos comuns muito interessantes como o *Almanaque Pagão Mandrágora*, a tradução,

“É pelo facto de uma vida não ser tão curta como isso que viver é, para mim, estar sempre a morrer e a renascer.”

a posfaciação e ciclos de palestras e workshops. Sob o ponto de vista da publicação a minha preocupação fundamental nesta nova fase foi deixar um testemunho literário para o futuro sobre várias áreas de pesquisa que tinha feito e vivido intensamente: surgiram então os livros *Ritos e Mistérios Secretos do Wicca* e *Deuses e Rituais da Antiga Lusitânia*. Seguir-se-á ainda este ano uma tradução de Oswald Wirth (*O Simbolismo Oculto da Franco-Maçonaria*) e um livro sobre xamanismo. Depois virá, possivelmente, um regresso aos temas portugueses e a temas mais polémicos como a sexualidade na perspectiva iniciática.

Qual é o teu método de escrita e pesquisa? Encaras a escrita como um trabalho ou uma vocação?

A escrita é para mim um vício que comparo à pornografia. Quando falo de vício digo-o no sentido que Bataille o usava, como uma pulsão que introduz a dimensão da ruptura e do aberto no Ser. Ora, por muito que se explore o corpo pornográfico as suas poses são sempre relativas e previsíveis, por muitas variações que se façam quanto à forma como são despidos e estigmatizados os corpos. O seu poder e desencanto está na visibilidade e banalização do interdito. A arte distancia-se, contudo, da pornografia no momento em que consegue manter o mistério do interdito. Isso é o mais difícil, mas quando se consegue é a obra filosófica por excelência. Por isso, o que escrevo nasce da minha visceralidade interior, do meu corpo, mas os editores que cuidam muito da imagem que os outros formam da sua actividade muitas vezes não estão preparados para aceitar essa materialidade seminal e fecal. O público ainda pensa que o esoterismo é o mesmo que religião e um curso de teologia ou catecismo, quando em essência ele se parece mais com o assassinio e a pornografia, ao pretender despir e matar o homem para mostrar que é capaz de ser Deus.



Sempre uma pergunta ingrata, mas será feita na mesma – qual consideras ser o teu melhor livro até à data?

É difícil para mim reconhecer qual foi o livro mais gratificante que escrevi, mas colocaria *Mãe Canibal* no patamar do meu livro de eleição, pois é um livro cheio de visceralidades sobre as quais nunca mais voltei a escrever, uma arca de transgressões e reflexos distorcidos dos meus desejos e assombros.

E qual foi o que te deu maior prazer escrever?

Todos os livros me dão prazer escrever. A ideia de um livro nasce como uma espécie de alegria inspiradora, de aurora que se vai clareando à medida que progride o amanhecer, direi mesmo de enamoramento, mas para ele reter o meu interesse tem que ter uma dimensão transgressiva qualquer, mesmo que ela não seja depois percebida à superfície da pele do livro quando o leitor mais tarde o vai ler. Por outro lado eu não gosto de escrever livros para o povo. Tal como nas artes plásticas só se pode ter uma verdadeira fruição estética e filosófica da literatura quando o leitor tem conhecimento de algumas das

suas características técnicas e das suas leis de composição. A arte e a literatura não são para alimentar o povo mas para o apunhalar.

Que livro(s) te encontras actualmente a escrever?

Neste momento estou a fazer a revisão final de um livro sobre xamanismo que escrevi e que vai irritar muita gente, sobretudo aquela que está ingenuamente identificada com aquilo que se chama o “xamanismo essencial”. Eu gosto muito de livros que importunam, que introduzem a alteridade, que abrem uma ferida. Um livro que não seja uma lança não me interessa escrever. Nota-se a ferida quando vejo algumas pessoas que me procuram atacar e denegrir publicamente, mesmo sem terem preparação intelectual e espiritual para compreenderem o que escrevo, nem me conhecerem. Isso é um sinal de que valeu a pena escrever esse livro. Por hábito, embora tendo uma casa muito grande, eu escrevo sempre no quarto de dormir. Talvez porque o quarto é o espaço de revelação dos meus vícios mais viscerais, um lugar de sonho e perversidade. Estou, também, a traba-

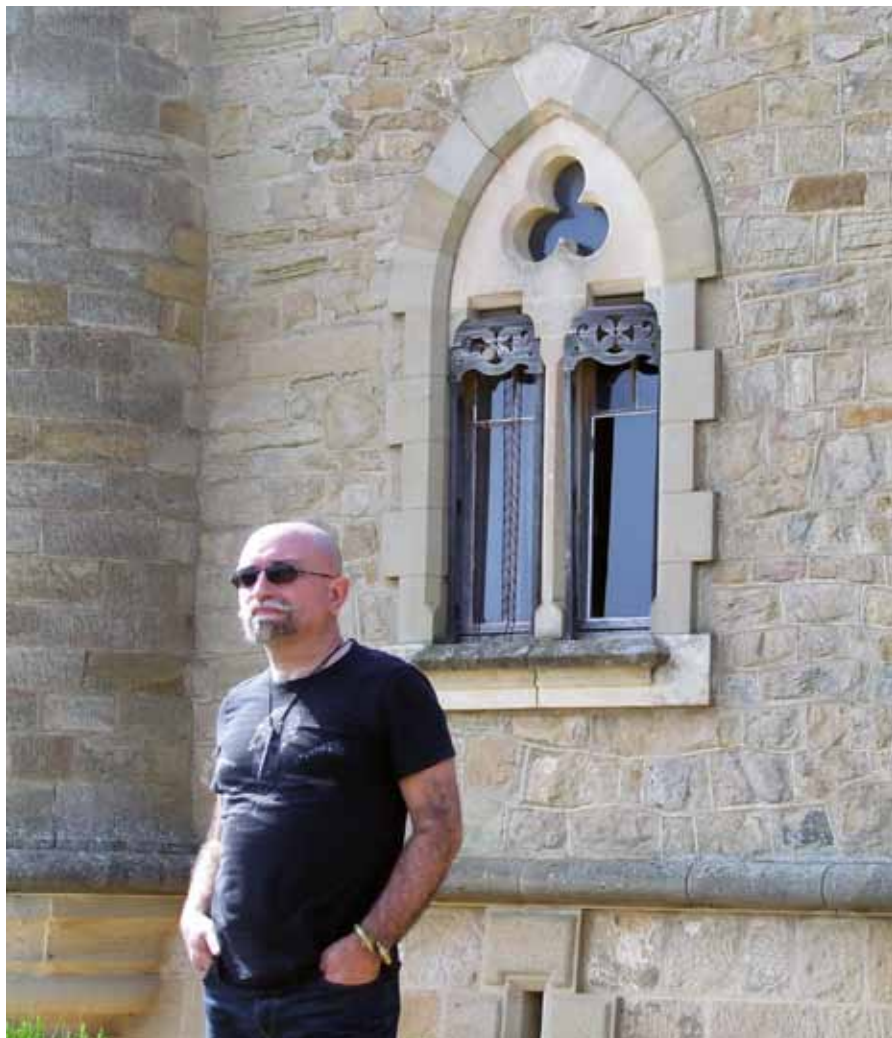
lhar num opúsculo *Os Sete Sacramentos do Diabo* que será um trabalho na tradição satânica do Abade Boullan e que será dedicado a Georges Bataille, para o qual existe uma proposta de dramatização em teatro. Simultaneamente estou a esquematizar o meu livro para 2011 que será sobre a prática sexual ritual na perspectiva iniciática, não aquela sexualidade de sabonete ao estilo do tantrismo para donas de casa, hoje muito em moda, ou ao estilo asseado da escola da Dion Fortune, mas um livro na tradição da revulsão do corpo e do ego na perspectiva iniciática, no qual obviamente irei incluir algumas práticas satânicas que conheço.

E qual seria a temática que gostarias de abordar em livro, mas que ainda não tiveste a oportunidade?

Eu tenho tendência para explorar práticas literárias multifacetadas. Gosto de escrever ensaios, livros pedagógicos, biográficos e autobiográficos, etc., tudo isso obviamente na área do esoterismo. Isso reflecte muito a minha vida esotérica que está sempre dividida entre uma faceta pública e uma faceta privada. A faceta pública corresponde às minhas palestras, publicações e intervenções através de workshops, mas que muito raramente espelha o que se passa ao nível profundo da minha esfera privada. A minha esfera privada está sempre velada pelo Silêncio. O público habitualmente apenas conhece e desfruta aquilo que partilho da minha experiência passada, daquilo que já abandonei, das minhas peles de serpente. Mas independentemente das múltiplas máscaras que assumo publicamente existe uma corrente subterrânea permanente desde a minha puberdade. Penso que essa Corrente Iniciática está sibilinamente sugerida no *Fausto* de Goethe e no texto *O Caminho da Serpente* de Pessoa. Em essência é o caminho Não-Dual em que se abraçam todas as polaridades para as extinguir no Vazio. É dentro dessa área que gostaria um dia de publicar.

E o primeiro livro que mudou a tua maneira de pensar, ainda o tens?

Sim tenho. Comprei-o quando tinha 14 anos, é a *Gaia Ciência* de F. Nietzsche, que li e reli muitas vezes. É um livro de aforismos, escritos com uma veia de desprendimento dionisíaco que abre o ciclo seguinte da sua fase niilista. Nunca esqueci o que ele lá dizia: “*Moro em minha própria casa/Não imito ninguém/Rio-me de todos os mestres/Que nunca se riram de si mesmos*”. Agora ao lembrar-me desse excerto interrogo-me quanto esta frase não me terá marcado para toda a vida!





E quais foram as tuas principais fontes de inspiração enquanto escritor? Algum autor ou trabalho que tenha despertado particularmente a centelha criativa?

Eu nunca tive propriamente fontes de inspiração directa, mas sem dúvida a minha maneira de sentir foi influenciada não por esoteristas mas por vários filósofos-poetas, se assim posso dizer, como William Blake, Georges Bataille, Pierre Klossovsky e Emil Cioran. Os únicos esoteristas que colocaria neste escalão de influências seriam Aleister Crowley, Julius Evola e Andrew Chumley. São a minha santíssima trindade. Com toda a franqueza acho que se pode deitar tudo o resto que há de esotérico ao caixote do lixo que não se perderia nada.

Deixa-me passar a uma faceta diferente da tua vida. Lembra-te de qual foi o teu primeiro contacto com o Satanismo?

O meu primeiro contacto com o satanismo começou em Lisboa quando fui estudar Direito no fim dos anos setenta. Na altura eu era praticante de Budismo Tibetano na tradição Nyngma-Pa e estava ligado à Sociedade Teosófica de Lisboa. Foi nessa altura que eu conheci o Ludvo. Ele tinha feito uma entrevista a um semanário e pela maneira como falava da zona onde vivia eu desconfiava que era muito perto onde eu tinha o meu quarto de estudante. Fiz uma inspecção à rua e descobri que havia de facto uma porta que tinha o número 666 da qual tresandava um forte odor a incenso. Não tive dúvidas que era a casa do Ludvo e mandei-lhe uma carta apresentando-me. Ele rapidamente me respondeu e convidou-me a visitá-lo na sexta-feira seguinte na sua casa. Na altura eu usava umas barbas enormíssimas tipo Eliphas Levi e vestia-me ao estilo de Victor Hugo que admirava muito, com casacas de veludo e bengala, dando muito nas vistas, e quando ele me abriu a porta reparamos que ambos tínhamos uma reverenda barba e rimo-

nos por parecermos o reflexo distorcido um do outro. Desde então ficamos grandes amigos.

Consideras-te um Satanista?

Eu considero-me mais um luciferino do que um satanista. Na minha opinião são duas coisas diferentes, mas não na maneira como pensava Eliphas Levi que cindiu radicalmente o primeiro do segundo, mas como dois estágios interligados da Gnose Negra que, quando atravessados, perfazem a Unidade. Poderia dizer que o satanista coloca a sua ênfase na Liberdade Radical e o Luciférino no Conhecimento Iluminado. Ao primeiro corresponde a Missa Negra e ao segundo a Missa Vermelha como ritos centrais. Mas o segundo não pode ser alcançado sem o primeiro. Primeiro temos de entrar no Templo Negro para alcançar, depois, o Templo Vermelho, como no rito do Cavaleiro de Heredon, na Maçonaria. O Satanismo é, por isso, a primeira fase do processo gnóstico luciferino, a sua fase antinomianista centrada à volta da dupla faceta de Satã e Lilith como Opositor e Tentadora. No processo luciferino que sigo e instruo o Iniciado encarna à escala humana o mistério de Caim com o seu assassinio e errância amaldiçoada para a Terra de Nod. Nas lendas Caim caminha para Oriente para se encontrar com Satã, isto é, com o seu alter-ego, e receber dele a Luz da Alvorada. Não deixa de ser curioso que nas mesmas lendas é a Oriente que se eleva a Árvore do Conhecimento. O esoterismo profundo é marcado sempre pela transgressão do "homem-massa" e pelo Individualismo Iluminado. Como Opositor ele é sem dúvida o Senhor da Transgressão, o Grande Sátiro do Mundo. Não se pode atravessar o Abismo, para usar uma linguagem cabalística, sem nos ser arrancado ao corpo a nossa humanidade ou a noção que dela temos neste mundo. LaVey nas suas *Nove Afirmações Satânicas* fala disso obliquamente quando diz que Satã representa "o homem como nada mais que animais" e que ele "é a satisfa-

ção de todos os pecados". Mas isso é para mim mais do que uma metáfora para ser vivida num psicodrama tipo *Das Tierdrama*. É uma cifra iniciática que os Iniciados ocultavam sob o simbolismo do Sabat, o cerne mítico de todas as nossas práticas antinomianistas. Isso quer dizer em termos iniciáticos que o caminho é de descida, ao estilo dos caldeus, até ao centro atávico do ser humano onde se encontra o Graal de que falava Otto Rahn. Como Parsifal temos de matar o Dragão e beber do seu sangue, isto é, ultrapassar a fixação em Satã para nos encontrarmos com Lúcifer. Satã é apenas um caminho e uma passagem para Lúcifer e a rendição à sua tentação é a marca de um fracasso. Neste aspecto concordo com a tradição de *The Process Church of the Final Judgement*, embora o meu caminho recuse Cristo como chegada final.

Qual foi a principal característica do Satanismo que captou a tua atenção?

Em primeiro lugar o que mais me chamou a atenção foi a sua rejeição do Deus Criador e a ênfase num Deus Incognoscível, contendo em si a Luz Primordial do Caos, colocado no centro interior do Homem. Isso significava que, como Crowley dizia na *Liber Oz*, que Deus não está no homem, como as religiões do livro defendem, mas que "Deus é o Homem", isto é, o Homem é o Deus Primordial. Em segundo lugar foi o seu Antinomianismo prático, ao estilo dos gnósticos Amaurianos, entendido como descida metódica ao fundo dos atavismos para degolar o ego condicionado, que deve ser oferecido em sacrifício ao Indivíduo, devolvendo-lhe assim a sua verdadeira Liberdade Original. Vivemos num mundo onde a maioria das pessoas são apenas autómatos que dormem. Elas agem pavlovianamente em função dos seus condicionamentos sociais e religiosos. No entanto há outras pessoas, poucas, que sabem que dormem e estão tentando despertar. Mas há ainda outras ainda, muitíssimo poucas, que já estão final-

"Julgo que se daqui a uns anos me encontrares descobrirás sobre a minha face outra face nova ou, então, faces velhas de novo ressuscitadas. Por detrás dessas faces, dessa dispersão de iconografias e representações, está o Eu, a Autoconsciência, o Olho Sempre Aberto do Bode no Alto Sabat."



mente Despertadas. Existem assim três tipos de humanidade, como diziam os gnósticos. O Satanismo Iniciático emerge no segundo tipo de pessoas. O Homem Desperto, a terceira categoria, é o equivalente de Lúcifer, o Portador da Luz. Isso está sibilamente sugerido nos autores cabalistas quando descrevem o Homem Primordial, Adão Kadmon, com semelhantes qualidades às de Lúcifer antes da sua Queda. Isso significa que sempre se soube que por detrás da pretensa queda de *Luxifer*, para usar uma outra sua grafia, estava a “queda” ou o esquecimento da glória do Homem Primordial. Vivemos de tal maneira identificados com o corpo e a sua historicidade que nos tornamos alienados da nossa condição satânica, da nossa condição de Indivíduo. No trilho iniciático, que parte da fronteira de quem dorme até à de quem está desperto, o Satanismo nasce no momento em que o Eu recusa com paixão Deus, a Religião, a Família e a Moral como referentes determinísticos, e se diferencia do ego para se fundir no Eu Superior, isto é, em Lúcifer.

Individualismo e elitismo são palavras muitas vezes associadas ao Satanismo. Qual é o teu ponto de vista pessoal sobre estes conceitos e a sua aplicabilidade?

De uma forma simples e agora numa outra perspectiva pode-se dizer que, na óptica do esoterismo, existem duas classes extremas de seres humanos: os que vivem identificados com a personalidade e são meras pessoas funcionais, práticas e utilitárias, o que chamo a *raça dos homens produtores e adormecidos* e, por outro lado, os que vivem na sua autoconsciência enquanto indivíduos livres e que se podem chamar a *raça dos homens livres e despertados*. O Individualismo não tem nada a ver com uma visão capitalista ao estilo de Ayn Rand. O Indivíduo é a Suprema Auto-Consciência. Essa consciência existe recalcada no cerne obscuro do ser humano. O Indivíduo enquanto princípio único, pessoal e

inalienável, a Chama Negra ou o Graal de que falava Otto Rahn, vive no seio visceral do nosso instinto e dos tropismos da nossa carne. É o mito de Lúcifer exilado na Terra, isto é, no corpo. Assim, o Chamado à transformação proposto pelo Satanismo vem de dentro e das profundezas subterrâneas do corpo, do seu inconsciente antropológico, de tal maneira que alguns como Michael Ford dizem metaforicamente que emerge do “sangue”, isto é, do “sanguebruxo”, como se dizia entre as bruxas antigas. Para a Pessoa chegar ao Indivíduo é necessário, por isso, passar pelo “Sangue”, isto é, pelo Instinto. É necessário um grande esforço e talento para descer sobre si mesmo, sobre o Animal em nós, a Besta, e a cavalgar, mas o Despertar pelo qual nos tornamos totalmente auto-conscientes, essa realização é para mim apenas o apanágio de uma elite. Não se é Elite e Indivíduo só pelo facto de alguém se chamar satanista. Por regra o satânico-luciferino, como vemos no exemplo de Gilles de Raiz e em figuras modernas como o poeta Daniel Giraud, gosta do segredo.

Quais são as principais diferenças que encontras na receptividade social que o Satanismo tem entre o período pré/pós 25 de Abril e os dias de hoje?

Eu acho que em matéria de receptividade social a situação mudou muito mas essa mudança é da ordem da apatia. Existe uma complacente apatia porque o satanismo decaiu publicamente no superficial e numa moda gótica, tornou-se mero teatro social, um *bluff*. Na verdade muita gente pensa intimamente hoje como os Cátaros: que a Igreja é um exemplo perfeito do satanismo pelo seu desprezo pela vida humana, como hoje se clarifica nos casos de pedofilia dos padres. Na minha opinião, e muita gente vai ficar irritada com o que vou dizer, o Satanismo transformou-se pela cultura gótica numa *fashion* e introduziu aquilo que eu chamo o Satanismo de Papelão, para parafrasear Mao Tze-Tung.

E como vês a evolução do Satanismo em Portugal até aos dias de hoje? Estás satisfeito com o panorama actual?

Eu penso que o verdadeiro Satanismo nunca se mostra nem através de publicidade nem através de festivais de música gótica e *hard metal*. O Satanismo por excelência é clandestino e silencioso. Quando se torna público, como fez imprudentemente a Internacional Luciferina em França nos anos setenta, então começa a sua decadência. Por isso tenho dificuldade em falar do Satanismo numa perspectiva evolucionista e social. O Satanismo tornou-se uma espécie de moda social de bairro, através do exibicionismo e banalização do seu simbolismo antinomianista. Nenhum desses exibicionistas resistiria a um processo transmutatório como o do Satanismo, pois em essência ele é a nudez total do indivíduo diante de si mesmo, o desafio do indivíduo diante dos limites e das contingências ideológicas que o confinam na sua existência.

E no panorama internacional, como vês a evolução do Satanismo?

Existem algumas organizações que não dão a face ao público, sobretudo em França e Itália, que praticam um verdadeiro antinomianismo satânico, uma espiritualidade verdadeiramente prometeica. Porém, como disse, a essência do Satanismo é a Solidão. Aqueles que calcorreiam esse Caminho são muitas vezes chamados entre nós como sendo os “Filhos do Fogo”, em contraposição ao mundo dos “Filhos do Barro”. Mas embora sejamos muitas vezes solitários errantes isso não implica que, por vezes, sobretudo nos picos e fundos solsticiais do ano, não nos reunamos entre nós e celebremos o Portador do Raio em grandes pompas fúnebres.

Quem foi a tua principal referência no estudo do Satanismo?

Como sabes a raiz do Satanismo Moderno está fundamentalmente em Aleister Crowley e no significado inici-



“O que me deslumbrava no museu era o silencioso fantasma de alguém que embora desaparecido sobrevivia nos ecos que dele ficaram e serviam de pretexto para o deslumbramento, para o sonho e a saudade, mas sobretudo como ardil para o nosso próprio auto-conhecimento através da sombra dos outros.”





ático que ele atribuiu a Shaitan, sobretudo como arquétipo do Augoeidos, do Génio dentro do homem, obliquamente referido no seu Liber Samek. E isto é muitíssimo interessante e válido. Mas a minha grande referência nesta área até nem foi Aleister Crowley. Por um lado foram os autores novecentistas como Jules Blois e o Abade Boullan, mais os autores sufis adoradores de Eblis como Sabzawari, Sa'di e Ahmad Ghazâli e adicionalmente, uma tradição subterrânea de natureza luciferiana, de raiz britânica, nalgumas correntes da Bruxaria Tradicional. A isto tenho de juntar o satanismo presente no pensamento de Gerard de Nerval, que é visível sobretudo nas suas anotações privadas à volta de Lilith, que se encontram hoje na colecção do Museu Spaelberch de Lovenjuoul e que deter-

minaram o seu suicídio, o seu autodegolamento. O Satanismo Moderno que se conhece publicamente não tem para mim qualquer interesse. Existem também clarões de Satanismo nos mitos nórdicos na figura de Loki e Odin, que são as hipóstases nórdicas de Satã e Lúcifer. É na tradição nórdica que se percebe como Satã e Lúcifer são dois níveis de realidade diferentes, embora interajam um com o outro como gémeos perversos até à sua destruição final.

Fizeste ou fazes parte de alguma organização satânica?

Além da Ordem Negra do Cão, a primeira organização satânica portuguesa, fiz também parte durante breve tempo de um grupo pequeno e restrito, de carácter experimentalista, com Michael Ford no início da fundação

da Ordem de Phosphorus. Mais tarde fiz também parte de uma organização luciferina internacional sobre a qual prefiro não divulgar o nome. Para mim as ordens esotéricas não são programas residenciais para toda a vida. Pertencem àqueles que, como Caim e Kidhir, *"percorrem as nações em busca daquele conhecimento que está ligado a uma pedra caída da frente de Lúcifer"*, como Otto Rahn dizia. Todas as grandes organizações religiosas ou esotéricas reproduzem no plano da sua estrutura o mundo objectivo da sociedade de massas que queremos precisamente destruir dentro de nós. Por isso seja qual for o tipo de organizações todas elas são contraproducentes sob o ponto de vista iniciático e quando mantidas *ad infinitum* acabam por reforçar a imunidade do ego ao processo radical do seu próprio óbito. As organizações esotéricas devem ser nucleares, descentradas e durarem o menos possível. Eu tenho dúvidas, por isso, sobre a utilidade de manter perpetuamente uma organização satânica.

Como vês o mundo de hoje, sob uma perspectiva satânica? Quais consideras ser os nossos principais feitos como raça, e os nossos inevitáveis defeitos?

Eu não creio que Shaitan se importe muito com a raça e o mundo. A sociedade é o inimigo número um de todo o genuíno esoterista. Para quem a vê de um ponto de vista luciferino é claro que a sociedade atingiu um ponto de embotamento espiritual tal que nos enfastia. Mas o que nos importa é o Indivíduo enquanto Princípio Sobrenatural Auto-Suficiente. A experiência desse estado último enquanto Indivíduo é comparável ao efeito corrosivo do Fogo sobre a pedra bruta do alquimista: ele queima os nossos elos sociais e raciais, regenerando-nos a um ponto tal que nos liberta para a experiência gnóstica de uma dimensão de supraconsciência e liberdade cósmica. Por isso é que Satã era tantas vezes comparado a Prometeus entre os românticos. Chegar a esse ponto é o que se chama na Tradição alcançar a Visão do Sol da Meia-Noite. Mas o objectivo não pára nessa visão. O fim do Luciferianismo é passar para lá do Cosmos. Ora não há pior entrave a este processo que os entraves inconscientes da sociedade sobre nós e a sua redução do Satanismo a moda social.

Se tivesses essa possibilidade, o que mudarias no mundo e na sociedade actuais?

Vivemos em regimes demo-liberais que abdicaram dos seus deveres fundamentais enquanto Estado Providência.



Ao fazerem isso o Estado perdeu a sua razão de existir. Se tivesse possibilidade eliminava, por isso, o Estado. Porém ele manda nas nossas vidas. Pela maneira como o Estado determina as nossas vidas, por acção ou omissão, pode-se concluir que vivemos já há muito na “*Animal Farm*” prevista por George Orwell. Mas um outro aspecto do mundo, além da pessoa, é o da natureza e do ambiente. A degradação a que chegou o ambiente deve-se ao efeito multiplicador dos efeitos nocivos da tecnologia científica. Ciência e economia funcionaram juntas como uma fórmula dos Estados multiplicarem a produção e gerarem trabalho, mas simultaneamente isso gerou uma maior concentração de riqueza e uma maior escravização psicológica do ser humano. A função original da tecnologia, que foi um dom azazelico e luciférico na humanidade, tem de ser redescoberta: a de libertar tempo para o homem fazer dele o que quiser e não, como aconteceu, de matar o tempo numa perene estupidez. Rudolf Steiner já havia previsto isso quando falava do fenómeno ahrimânico da tecnologia moderna, que então se estava a desenvolver. A educação, a saúde, a cultura, o trabalho e o ambiente, devem ser as cinco prioridades fundamentais dos Estados Modernos. Se isso não se cumpre, então que se comece rapidamente a destruição do Estado.

Como é que alguém como tu se enquadra na sociedade actual? Como vives o teu dia-a-dia nela?

Eu não me interesso pela sociedade actual nem me revejo nos seus valores e referentes de justiça, cultura e liberdade. Não confio na Democracia nem na Ditadura, muito menos nas serôdias saudades da Monarquia que emergem ciclicamente. Sou voluntariamente um auto-excluído, um *outsider* que vê com cinismo o estado de embotamento espiritual do homem moderno e a sua redução ao automatismo. Em essência sou

um radical que me gosto de comparar a D’Annunzio e ao Conde Saint Simon. Sinto, por isso, uma grande simpatia pela criação de novas utopias experimentalistas e radicais que funcionem como Ilhas de Liberdade e Iluminação neste grande mar da estupidez humana.

Como vês o povo português em relação ao resto do mundo?

Desde os Braganças e depois, com a República, que trazemos o magnânimo destino dos falhados. O português nunca soube construir em função da perspectiva futura. Isso é contra a estrutura do seu carácter enquanto povo. O português típico ou vive eternamente em função do passado ou num vegetativo presente aceitando o que lhe dão. O português típico nasceu sem tónus vital. Entre o fado, a missa e o futebol, o português comum pertence ao género do boçal humano que tão bem representou Bordalo Pinheiro na faiança do Zé Povinho. Desde o tempo que vinham as grandes riquezas do Oriente e, depois, as grandes riquezas do Brasil, o português sempre viveu para o presente, gastando num eterno *potlach*. Na sua tendência para a despesa só tem de comparável os antigos indígenas da Polinésia. Portugal seria o reino preferido do Rei Ubu, por isso não vejo problema algum que Portugal se torne uma província de Espanha ou uma colónia da América. O verdadeiro português é para mim um apátrida. Ele está bem representado naqueles que para mim são a essência do seu génio: a do sonhador e a do aventureiro. Seja a nata dos Sonhadores como Agostinho da Silva, Fernando Pessoa ou Teixeira de Pascoas, só para falar dos mais célebres, ou a nata dos Aventureiros como Fernão Mendes Pinto ou António de Andrade e Manuel Marques, que foram os primeiros ocidentais a chegar ao Tibete, o génio do português está em desejar sair fora do mundo e ser além. Ora este destino de Caim é o que Portugal tem de eterno e divino.

Uma outra faceta tua são as aparições públicas, em diferentes tipos de eventos. Aprecias esse contacto com o público?

O público só me interessa enquanto pretexto para agir sobre ele, um pouco como os dadaístas faziam: eles agiam sobre a camada subconsciente dos corpos, os seus tropismos, os seus demónios. Seja uma palestra ou uma performance em que raio o burlesco a minha intenção é desalojar a consciência da prisão da sua condição de ente social. Por isso é comum que as minhas acções publicas na área da performance

se tornem polémicas, gástricas e agitem os valores sacrossantos.

A mais recente que vi foi a tua acção no Festival Spoken Word, no Seixal – o que mais e menos gostaste dessa noite?

Eu gostei muito dessa noite organizada pelo Carlos. Eu fui sempre um frequentador de tertúlias, de projectos literários e artísticos no passado, que muitas vezes não saíam da frontaria do café ou do *atelier* e, outras vezes, se consumavam em revistas e projectos artísticos como aconteceu com as *Conferências do Inferno*. Ainda há poucas semanas cedi a minha casa, que como sabes chamo por ironia Casa-Museu, a um encontro de reflexão de artistas e *performers* sobre o terrorismo. Brevemente penso organizar um sarau de prosa e poesia esotérica.

Podes-nos falar um pouco sobre o texto que escolheste e o motivo pelo qual o fizeste?

O texto nasceu por mero acaso. Há meses a revista de arte *Detritos* convidou-me para fazer uma palestra no Porto para o lançamento de um dos seus números em que tinha colaborado. Quando lá cheguei fiquei estupefacto, pois todos os intervenientes eram na sua maioria professores universitários e artistas que tinham tomado a decisão de apresentar as suas ideias sob a forma de *performance*. Deves calcular qual foi a minha reacção: “com os diabos, ir dar uma aula a professores seria o mesmo que ensinar o credo ao padre”. Então quando chegou a minha vez lembrei-me do Rei Ubu, levantei-me da cadeira e entre o público declarei em gestos dramáticos como ele tinha feito: “*merdre, merdre*”. Apanhado pelo entusiasmo ocorreu-me então provocar aquele público sorumbático, mas muito *chic*, com uma proposta: comer as suas próprias fezes num delicado prato de cristal, um pouco ao estilo do Marquês de Sade, mas com um sentido mais *rafiné*. A partir de então tudo descarrilou numa espécie de parábola alquímica sobre o medo da humanidade sobre esse *corpus horrendus* que escondemos de nós próprios na cama e na latrina. Para meu espanto o público achou a ideia deliciosa! Quando o Carlos me convidou para o *Festival Spoken Word* eu resolvi tomar de novo a ideia e desenvolvê-la. Eu sabia perfeitamente que alguns Gnósticos como os Amaurianos eram exímios comedores de sêmen, urina e fezes dos seus profetas, como panaceias e sacramentos eucarísticos, mas vários satanistas do século XIX faziam o mesmo. Então elaborei um conceito inspirado no teatro

“A razão de toda a perda dessa pequena biblioteca foi o meu pecado: a caridade. Desde então deixei de praticar a caridade.”



burlesco em que desenvolvia uma tipologia dos *sacramentos horrendus*.

As tuas actuações em palco podem ser consideradas um ritual?

Eu considero que o “choque” é essencial na *performance* e no ritual. Sem choque não há ruptura da consciência. Por outro lado o choque cria um processo de contágio em cadeia que se assemelha ao feitiço. O choque tem para mim por isso algo de gurdjefiano. Ele cria uma paragem no modo mecânico de pensar e agir criando um vazio onde pode nascer a perplexidade e o despertar. Ele deixa um rasto psíquico, uma ténue presença subliminal, que pode nalgumas pessoas desencadear o despertar para lá da aparência do seu existir mecânico. A arte deve ser encarada por isso na perspectiva do terrorismo: como uma forma de perturbar a ordem interior e exterior em que assenta o ser humano convencional.

Qual é a tua perspectiva sobre a ritualização, principalmente os ritos satânicos?

A essência do rito satânico é para mim a inversão do corpo e do ego para fazer emergir o Homem Livre e Iluminado dos Primórdios. Isso é o que é celebrado nos ritos do Sabat ou da Missa Negra. Trata-se de um processo ritual em que se tem de virar do avesso o próprio sujeito, de desencadear a decapitação desse “Monsenhor”, como dizia o poeta Mallarmé. Levar o sujeito ao “grau zero” do existir faz nascer dele o Indivíduo enquanto epifania de Sheitan. Todos os ritos fazem parte, porém, de uma “logosfera”, se me é permitido o termo, isto é, de uma linguagem totalitária inconsciente que tem um poder condicionante sobre o sujeito que o usa. Isso cria com o tempo, então, uma entropia circular que leva à eterna repetição dos ritos e à sua mudez. Os ritos quando atingem um certo nível de repetição tornam-se mera cacofonia e perdem o seu poder de reversão, como acontece no Catolicismo e na Maçonaria. Uma das hipóteses de os salvar é levar o rito até ao extremo “grau zero”, isto é, reduzi-lo à onomatopeia, ao grito, ao instinto, ao sexo e à morte. Em essência isso é o Sabat das Bruxas com o seu culto ao Diabo. O núcleo central do rito satânico na minha opinião é a destruição ritual do corpo domesticado, cujo paradigma se encontra na Missa Negra dos tempos de La Voisin. O Neófito deve ser desnudado por dentro e por fora e libertado através da Exaltação da Carne. O Diabo sem a Carne é comparável a uma conversa sobre Satã num salão de chá.

Podes-nos falar um pouco sobre a tua experiência ritualista?

A palavra ritual vem da palavra latina *ritus* que quer dizer “usos e costumes” mas existe uma outra palavra de origem sânscrita que melhor exemplifica o que é o ritual: *rita*, que significa ordem, isto é, ordem cósmica. É por isso que os rituais na sua maioria seguem uma ordem e cadência de tempo cósmico pré-estabelecido, sejam num ritual da OTO, da Igreja Católica ou do Wicca. Isso significa que os ritos pretendem sempre reintroduzir o neófito numa outra ordem que não a humana: a ordem cósmica. Porém na maioria dos casos esses rituais acabam sempre por decair na repetitiva vulgaridade dos rituais celebratórios que exaltam o Tempo e o Cosmos, a sua força cíclica de criação ou redenção. Existe contudo uma outra origem para essa palavra que é muito mais interessante. A sua origem está na palavra hindu *nrta*, isto é, a dança. Ora isso lembra-me a figura do herói Teseu que entrou a dançar dentro do labirinto de Creta para matar o Minotauro. A matança do Minotauro foi um evento mitológico drástico na história da humanidade pois cindiu-nos dessa condição dupla primordial de homem e animal, isto é, de teriantropo. Eu pen-

“O núcleo central do rito satânico na minha opinião é a destruição ritual do corpo domesticado...”

so que a chegada da Besta significa que nós voltaremos a reunir essas duas partes cindidas de nós mesmos. Para mim a experiência ritual por excelência tem esse objectivo: dar Voz à Besta, ao Teriantropo. São estes rituais que sempre me interessaram: os que nos permitem sair do Tempo, isto é, sair do Cosmos.

Algumas últimas palavras?

A tua pergunta faz-me lembrar a pergunta final feita ao condenado antes de ir para o cadafalso. Se eu um dia tiver que chegar ao cadafalso pediria como Henri Désiré Landru, antes de morrer, que me trouxessem uma bacia cheia de água e me lavassem os pés. •





O Imenschurável

BM Resende

Os fragmentos da intempestividade relacionam-se como o livre arbítrio do relâmpago, inconcluem-se sobre si mesmos como os mananciais metamórficos do exercício do pensamento, a vontade de poder que se extravasa ao imensurável.

Portes geodésicos de uma alquimia em renovações ao absoluto, a subjectividade que ultrapassa o relativismo e a objectivação, e se vangloria fanfarricamente da inconsequência, pelo prazer de ser, pensa-se sobre si mesmo.

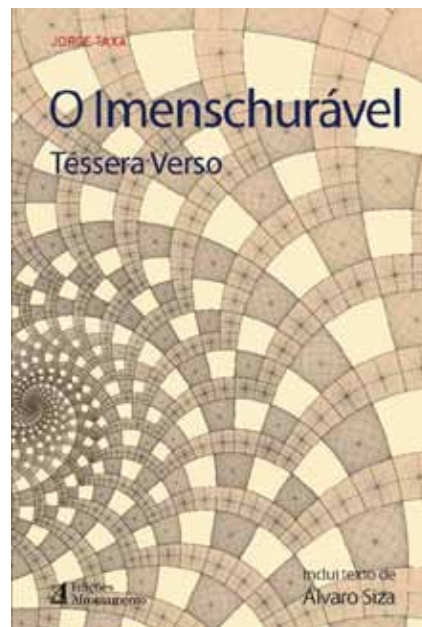
Jorge Taxa aprofunda as profundezas do pensamento, aquele que se pensa antes de o ser, flui diatribicamente à colisão com a mesquinhez, implode os crucificados, eleva-se à vontade metafísica da existência, às potências translinguísticas da arte, à magia do arquitectamento, à imaginatividade geométrica. A viagem fragmentada em tesseras cuja unidade é somente a conjectura conceptual, e a soma das partes não invoca o uno. Mas estilhaça.

No terreno filosófico que o é, des-correlacionado da teologia das ideias, implosão das mesmas, se contempla o florescimento das sementeiras improváveis, as ramificações no aleatório, os frutos que poderiam ser outros, o prazer é o serem. Renovada epistemologia. Continuação do perspectivismo, do anarquismo explosivo, da anticristianice, da humanização iluminada, desprendem-se os concei-

tos imbuídos da obra de inspiração transdisciplinar e navegam a forte vento. Triade espiritual da envolveria, Max Stirner, Charles Fourier, Friedrich Nietzsche. Rumo ao advento utópico da associação de egoístas, a falanstização do individualismo radical, arquitecturas sociais marteladas a pedras angulares zaratuísticas. Infinitudes conceptuais da futurização.

Ultrapassagem ao Homem, um pós-cientificismo. Unidades desmultiplicadas. Epistemologia do alcance perceptivo. Morte dos ideais ascéticos, uma outra coisa. Pensamentos danados? Um caos de possibilidades, nas mesmas, uma possível paralelização às estruturas pensantes de Charles Fort, desdogmatizar o raciocínio, elevá-lo ao pensamento efectivo, "Que tudo o que tentar estabelecer-se a si próprio enquanto real ou positivo, ou sistema absoluto, governo, organização, entidade autónoma, alma, individualidade, só pode tentar fazê-lo traçando um risco em seu redor, ou em redor das inclusões que o constituem a si, e danando ou excluindo, ou rompendo com todas as outras "coisas". (...) A nossa expressão é que toda a nossa existência é animação do local por um ideal que é realizável apenas no universal."

Na estrutura tesserática orientada às seis fragmentações a iniciação é a frutificação do acaso, para a superação da dialéctica no racionalismo através da poesia, exemplificada na intensa relação erótica com o pavilhão Carlos Ramos de Álvaro Siza, exponenciada à fuga da paralelipipedocracia, ditadura rectangular, desconstrução de quadrados, sobre as palavras do autor "a Grande Lição do século XX.



Primeiro, indícios de uma Ordem. Depois, rebelião-revolução dentro dela.". A complexidade emotiva e pensante da torção.

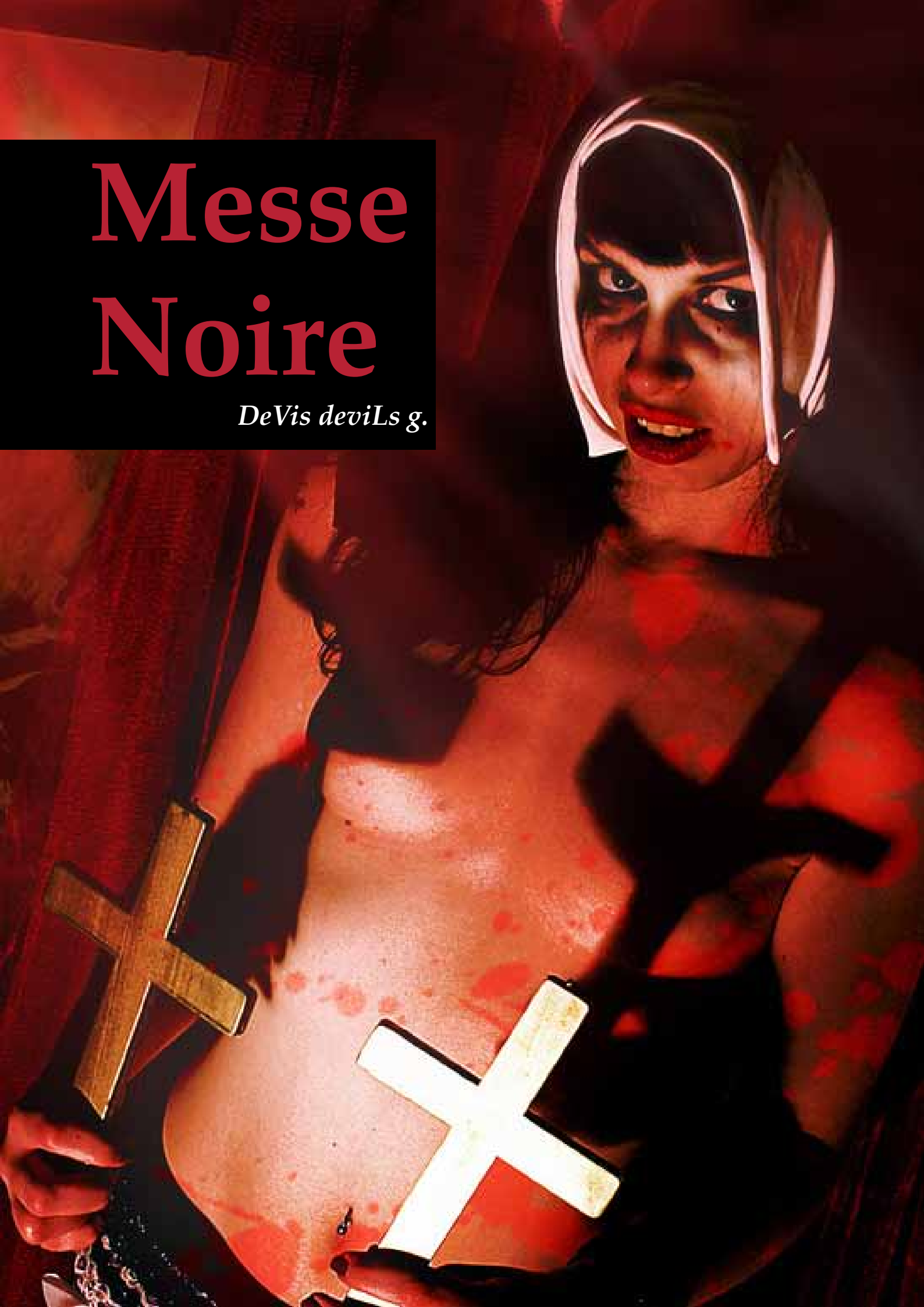
Resplandece o falanstério de Zaratustra, a explosividade do anarquismo individualista de Stirner recheado às utopias sociais de Fourier, temperado no espaço arquitectado segundo as orientações da epopeia nietzschiana na potência da revelação contextualizada a Sils-Maria, "ao bordejar o lago de Silvaplana, teve a revelação desconcertante do eterno retorno.", nas palavras de simplificação à filosofia de Nietzsche por Gilles Deleuze.

Irreduzível filosófico, o eu stirneriano, a consciência da consciência, o poder de si mesmo, o abate a tudo o que se coloca acima do indivíduo, o fluxo emotivo que se diz a si sem intermediários ou máscaras. A ritualística feita no riso, a inspiração nas fragrâncias libertárias do filocafé, a incomunidade que rasga o comum. O bailado de ensaios reveste-se ao desenho figurativo, às artes experimentais, à fanfarra do anticristo, disposição que verte, e inverte, porque a beleza conclusiva que se solta é a inconclusão. O inclassificável que se solta ao ar livre. •

"Na estrutura tesserática orientada às seis fragmentações a iniciação é a frutificação do acaso"

Messe Noire

DeVis deviLs g.





Uma pequena história da Missa Negra até ao século XIX

Em 1986, Charles Manson escreveu uma carta ao Presidente dos E. U. A., Ronald Reagan, dizendo “[...] polícias a ensinaram crianças o que não se deve fazer, apenas lhes mostra o que poderão fazer, se eles quiserem ir contra alguém [...] continua a projectar o que não se deve fazer e tu criarás o pensamento nos cérebros deles daquilo que se pode e irá ser feito”.

Devem manter presente esta observação arguta, tendo em conta as origens da Missa Negra, que se enraízam bem na loucura da caça às bruxas,

própria da paranóia cristã. Realmente, de acordo com as evidências históricas, podemos ver que os auto-intitulados rituais de “Missa Negra” claramente derivam do suporte católico.

Essencialmente, uma Missa Negra tradicional é uma paródia à missa católica, que inclui devotos católicos distorcidos, celebrada por um padre privado do sacerdócio ou um cheio de vontade. É para a significação mágica da superstição católica que, durante a sua santa eucaristia, o milagre da transubstanciação acontece, tratando-se da alteração mágica do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo (já agora implicando isso, segundo a sua crença, os cristãos são canibais!). Desde o século VII, há evidências de condenações estabelecidas contra aqueles padres que usaram a santa eucaristia para os seus propósitos. Isto acontece para o interior do ritual da missa cristã, havendo lu-

gar para o padre onde pode introduzir devotos particulares, no meio do auto-intitulado “devoto ofertório”, para várias necessidades pessoais. Alguns exemplos destes devotos requeridos por bons velhos cristãos envolveram padres que alugaram os seus serviços por fora para celebrarem missas pelas necessidades de coisas tais como recolhas de bênçãos ou gado *vacum*, alcançando sucesso no amor ou algum empreendimento de negócios ou, mesmo até, amaldiçoando de morte inimigos. Um método, deste último serviço sagrado de assassinato, era o de inserir o nome de uma pessoa viva numa “missa para os mortos”. Alegadamente, estas práticas eram eventualmente condenadas pela Igreja, todavia ainda no século XIX, alguns padres católicos italianos celebraram “*missas requiem*” contra algumas pessoas vivas. Alguns destes rituais envolveram igualmente a cumplicidade do católico “Santo” Giovanni Bosco, conforme provado pelo historiador Vittorio Gorresio (ver *Risorgimento scomunicato*, ed. Bompiani, Milão 1977). Uma das mais velhas formas de Missa Negra é a Missa de Saint-Sécaire, originada em Gascogne. O propósito era o de amaldiçoar de morte um inimigo, por uma lenta e irrevogável doença. É dito que esta *Messe Noire* foi executada até aos finais do século XIX, já que os lavradores ricos começaram a acreditar que os vilões pobres se vingariam por intermédio desta missa de Saint-Sécaire. Seja como for, somente um padre podia estar a executar esta missa. Como é frequente com tais rituais medonhos, fora dito que podia ser celebrada unicamente sob negras e severas circunstâncias peculiares: o padre deve ir para uma igreja arruinada ou abandonada, onde “*morcegos se penduram do tecto, onde ciganos passam a noite e onde sapos vivem debaixo do altar profanado*”. O padre começará em seguida a executar a santa eucaristia ao contrário, exactamente às 23 horas e deverá terminar quando for meia-noite. A hóstia que ele usa é triangular e não congrega com vinho mas sim água de um poço, no qual um cadáver tenha sido lançado. Ele desenha o sinal da cruz mas no chão e com o seu pé esquerdo. Além disso, há muitos mais detalhes blasfemos que parecem ser apenas fantasias *grand-guignol*¹. Com isto dito, é notável que quase todos os eruditos concordem em fixar em França as origens da *Messe Noire*. Mesmo para aqueles que as datam ao século XIV, quando a Igreja per-



1 Trata-se de um Teatro francês, cuja expressão significa literalmente “grande espectáculo de fantoches”



seguia os Cavaleiros Templários.

Os Templários foram acusados de celebrar Missas Negras e outros ritos blasfemos, tais como sodomia e cuspir num crucifixo, sendo nesses ritos que eles adorariam um ídolo descrito com uma cabeça monstruosa, a que chamavam Baphomet. Obviamente, a maior parte dos relatos vieram dos julgamentos da Inquisição, por isso há uma quantidade de incerteza sobre as acusações, visto que apenas translações de interrogatórios torturantes de confissões brutalmente extorquidas é que foram feitas provas. Por isso é que o ídolo foi descrito de modo diferente, algumas vezes tendo uma longa barba, outras vezes um crânio de homem ou ainda tendo três faces, alguns dizem que era feito de madeira, enquanto outros dizem que era metal. Mesmo o barão francês Gilles de Rais foi acusado de celebrar Missas Negras nos calabouços do seu castelo, onde torturara e matara dúzias (para cima de cem) crianças. Ele foi executado em 1440, porém provas revelaram o Barão como tendo sido um cristão fervoroso, companheiro chegado da católica "Santa" Joana de Arc, a.k.a. A Donzela de Orléans, tornou-se certo que de Rais foi um assassino em série medieval. Os seus crimes foram indubitavelmente motivados por patológicos impulsos sexuais, ao invés de qualquer crença satânica. Gilles de Rais envolveu-se no ocultismo, mas esta era uma matéria de estudo inteiramente comum, durante um período em que não havia linhas claras de demarcação separando a ciência da magia, a astronomia da astrologia, a química da alquimia. Também na ocasião que esteve para se livrar do cadáver de uma vítima, de Rais deu um enterro cristão ao morto, comprovando que, como todos os bons cristãos, ele se importava mais com "a alma imortal" das suas vítimas do que com os concretos sofrimentos e a morte que fisicamente lhes impusera. Existem relatórios históricos de que, em 1500, os padres da catedral de Cambrai, no norte de França, fizeram uma espécie de Missas Negras em protesto contra o seu bispo. Mas mais impressionante é a Missa Negra ordenada no século XVI pela Rainha de França, Catherine de Medici. Esta *Messe Noire* é conhecida como *Missa Medici*. Philip, filho da Rainha Catherine, morreu de uma doença misteriosa. Talvez ela tenha suspeitado de feitiçaria, visto que a própria conhecia as Artes Negras. Logo, ela comissionou uma *Messe Noire*, a qual culminara num sacrifício humano. Um rapazinho foi seleccionado, sendo-lhe dada a hóstia branca da sagrada comunhão por um padre. A in-

tenção da cerimónia era a de que a vida do rapaz fosse dada pela do filho dela. No decurso da Missa Negra, o rapaz foi morto e o seu sangue usado para encher um cálice para providenciar uma segunda (não)sagrada comunhão, com sangue em vez de vinho e uma hóstia preta. A espécie de demónios invocados é um dos detalhes que foi perdido, mas Catherine de Medici é conhecida por ter desgastado um talismã sustentando o nome do demónio Asmodei, o qual é etimologicamente referente a Asmodeus. Seja como for, as Missas Negras não foram confinadas à classe alta da sociedade, as mesmas igualmente se estenderam no meio de pessoas comuns, conforme provado por Gentien le Clerc, que, em 1614, confessou ser um dos muitos camponeses Satanistas que costumavam celebrar a "Missa do Diabo" (ver *Witchcraft and Black Magic*, de Montague Summers). Em 1647, cerca de dez anos depois do caso notório de possessão demoníaca, já agora sem qualquer envolvimento de Missas Negras, em Loudun (um caso que inspirou tanto o livro de 1952 intitulado *The Devils of Loudun*, de Aldous Huxley, como o filme de 1971 *The Devils*, de Ken Russell), cerca de outras 50 freiras de Louviers reivindicaram que haviam sido vítimas de possessão demoníaca. Porém, estas freiras acrescentaram que foram ainda forçadas a participar totalmente nuas em Missas Negras celebradas por 3 capelães, padre Pierre David, padre Mathurin Picard e padre Thomas Boullé. Demónios meio-humanos participaram destas missas e, quando as cerimónias chegaram ao fim, todos juntos, freiras, padres e demónios, banquetearam-se com carne humana e tiveram uma or-

"Uma das mais velhas formas de Missa Negra é a Missa de Saint-Sécaire, originada em Gascogne. O propósito era o de amaldiçoar de morte um inimigo, por uma lenta e irrevogável doença."

gia de sexo. Factos em conformidade com as confissões de Madeleine Bavent, freira condenada à sentença de prisão, as outras freiras foram enviadas para diferentes conventos, a fim de "purificar as suas almas", ao passo que o padre Boullé foi queimado na fogueira. O caso mais notório de Missa Negra estourou em 1679, em Versailles, no meio da corte real de Louis XIV. Iniciaram-se ocorrências em 1667, quando Francoise Athénais de Rochechouart Marquise de Montespan desejou tornar-se a Senhora do Rei Louis XIV. A fim de obter o seu alvo, de Montespan requereu os serviços de Catherine Monvoisin, também conhecida como La Voisin, que fora uma adivinha e que vendia poções de amor. La Voisin apresentou Marquise de Montespan ao abade Mariette, que celebrou duas (não)sagradas eucaristias para conceder o amor do rei à sua cliente. Estes ritos ficaram conheci-





dos como *Missas do Fantasma Sagrado* e envolviam o sacrifício de dois pombos. O mesmo padre celebrou também uma terceira “missa *pro defunctis*” contra a viva Madame Louise de La Vallière, quem rivalizava com de Montespan na contenda pela cama real. Seja como for, mesmo depois do cumprimento do fim da rival, de Montespan recorreu aos serviços de La Voisin para manter o Rei “penevolente” (*pénis+benevolente*). A feiticeira preparou as suas poções de amor através de ingredientes tais como carne de toupeiras mortas, sangue de morcegos, Cantárida (“*Spanish-fly*”) e outras substâncias nojentas. Em seguida, a mistura que ela obteve foi colocada sob um cálice de eucaristia e abençoada por alguns padres cheios de vontade, tais como Barthélemy Le-meignan, vigário de Saint Eustache, abade Tournet, durante os seus serviços não sagrados. E posteriormente este cocktail nojento foi servido ao Rei, escondido nos seus pratos saborosos. Porém, em 1672, de Montespan pensou que o Rei estivesse interessado noutra mulher e solicitou a La Voisin alguns feitiços mais poderosos. Deste modo,

de Montespan foi apresentada ao abade Etienne Guiborg, um padre com cerca de 70 anos, perito em Missas Negras. Guiborg celebrou algumas destas Missas Negras por cima do corpo nu de Montespan. A primeira foi realizada no castelo Villebousin, entre Paris e Orléans. Durante a missa, o padre cortou a garganta a um recém-nascido, dizendo estas palavras: “*Nosso senhor Jesus Cristo, deixai as crianças vir até ele. Assim, eu desejo que vós venhais até mim, pois sou eu o seu sacerdote. Assim, eu vos deixo agora, pela minha mão, eu abençoo-te e eu unote ao teu Deus!*” O sangue da pobre vítima escoou-se para o cálice e foi usado para o rito eucarístico (ver *La Messe Noire*, de J. Bricaud, Paris 1924). Evidentemente, os padres cristãos muito frequentemente provaram ser particularmente aficionados em molestar crianças, porque eles seguem literalmente os ensinamentos do seu evangelho! De volta à jornada das Missas Negras de Montespan, estas, que prosseguiram ao longo de toda a relação, envolvendo tanto poções com veneno, como ritos ocultos, foram reveladas. O escândalo estalou, centenas de

“Evidentemente, os padres cristãos muito frequentemente provaram ser particularmente aficionados em molestar crianças, porque eles seguem literalmente os ensinamentos do seu evangelho!”

personas foram presas e no meio delas estavam alguns dos mais ilustres da nobreza de França. Só 110 pessoas foram levadas a julgamento, as confissões foram arrancadas por meios de tortura. Grande parte dos nobres receberam sentenças de prisão, ao passo que 36 pessoas comuns foram executadas, incluindo La Voisin, queimada viva em 1680. Seja como for, o Rei Louis XIV concedeu imunidade a de Montespan, mantida a viver na corte real. Em 1691, ela aposentou-se no convento Saint-Joseph e morreu em 1707, em Bourbon. Todos os papéis oficiais do caso foram destruídos sob ordem do Rei, porém historiadores descobriram o mesmo nas notas escritas por Nicolas de La Reyne, o superintendente que havia começado a investigação. Bem mais interessante, num mero ponto de vista satânico, foram os *Hellfire Clubs* constituídos na Grã-Bretanha e na Irlanda no século XVIII. Dizia-se que estes clubes executavam a Missa Negra, regularmente, porém eles fizeram-no da forma mais própria: usando grandes quantidades de evasões sexuais e ainda maiores quantidades de álcool. *Hellfire Clubs* ganharam inspiração de François Rabelais, autor do século XVI de *Gargantua and Pantagruel*. No seu livro, Rabelais escreveu sobre *Abbey of Thélème*, dedicada em prol de gratificações físicas e prazeres, a sua divisa era “*Fait Ce Que Vouldras*” (“*Faz o que Desejas*”, isto não relembra o Sr. Aleister Crowley?). O *Hellfire Club* mais conhecido foi disfarçado sob o nome *Order of Saint Francis* e foi fundado por Sir Francis Dashwood, um amigo pessoal chegado de Benjamin Franklin, que estivera em Londres por esses dias como porta-voz para as colónias Americanas.



Franklin era um convidado frequente do antro infernal de Dashwood. LaVey disse uma vez: *"Se as pessoas soubessem do papel que o Hellfire Club representava na América em estruturação de Franklin, podiam sugerir trocas como: One Nation Under Satan ou United Satanic America"*. E de facto, dentro das paredes fumarentas dos *Hellfire Clubs*, alguns dos mais cruciais assuntos desses anos foram discutidos, no meio de bons vinhos e prostitutas. De regresso a França, no século XIX, houve outro padre privado do sacerdócio, abade Joseph Antoine Boullan, que notoriamente celebrara Missas Negras. Ele dirigiu um ramo carismático da *Cabalistic Order of the Rosicrucian*, fundada por Marquis Stanislas De Guaita. Diz-se que Boullan costumava crucificar recém-nascidos durante a sua versão de Missa Negra. Eventualmente, ele crucificou mesmo o seu próprio filho, mas visto que muitos destes rumores vieram de Marquis de Guaita, o qual levou a cabo uma "guerra mágica" contra Boullan, é difícil atestar factos sem evidências. Notavelmente, *Là-Bas* (*Lá em baixo*), o bem conhecido original de Joris-Karl Huysmans que contém uma descrição de uma Missa Negra, é de qualquer modo inspirado pela história de Boullan, o qual foi inclusive retratado no livro. Huysmans foi um amigo e apoiante de Boullan e no seu original retratou de Guaita como o concreto feiticeiro maldoso satânico. Outro dos apoiantes de Boullan foi o escritor Jules Bois, autor de *Le Satanisme et la magie*, descrito também como um *"Satanista Notório"* no livro pseudo-histórico *The Holy Blood and The Holy Grail*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln. Alguns anos mais tarde, ainda existiram rumores de Missas Negras em Paris, tendo o jornalista Serge Basset, depois de ter sido autorizado a assistir parcialmente a um destes serviços não sagrados, fornecido o seu relatório vivaz através das páginas de 27 de Maio de 1899 da edição *Matin*. E tal como nós já vimos nas Missas Negras tradicionais, no seu todo, esta foi mais uma "pausa para o chá" de homens de igreja. Porém, isto não deve soar assim tão estranho. Mesmo Anton LaVey escreveu no seu *The Satanic Bible* que *"Uma Missa Negra não é a cerimónia mágica praticada por Satanistas"*. Isto é fácil de entender, se considerarem que a Missa Negra tradicional alicia pessoas para praticarem ritos de auto-ilusórias adorações de aprisionamento da mente. Eles não desejaram libertar-se mas rebelarem-se contra as suas vidas fraudulentas, jurando e grunhindo tal qualmente a sua crença radical sugeria

que fizessem. Em *Satan Speaks*, Anton LaVey explica claramente como é que isto acontece: *"Todos os profetas da condenação, cabeçudos protestadores, ansiosos que esfregam as mãos, negativistas, "satanofóbicos", evangelistas cristãos, conselheiros da sobrevivência, doidos académicos & miscelânea de tementes, criam literalmente a sua visão de inferno na terra com entulho televisivo, emissões radiofónicas, entulho literário sem nenhuma evidência racional e entulho cinematográfico de Hollywood como The Exorcist e afins"*. E nesse mesmo livro, novamente, LaVey escreve *"O Teu Apocalipse é AQUI. TÙ acarretate-o. Toma-o. Sofre. É todo teu"*. Os polícias cristãos ensinaram às suas crianças rebeldes o que não se deve fazer e as crianças rebeldes cristãs fizeram-no simplesmente.

LaVey estabeleceu uma Missa Negra no seu livro *The Satanic Rituals* e ele fê-lo de uma verdadeira maneira satânica e original. Ele observou doutamente, no livro *The Satanic Bible*, que *"O Satanista deverá somente aplicar o uso de uma Missa Negra como uma forma de*

"[...]Missa Negra tradicionais, [...], esta foi mais uma "pausa para o chá" de homens de igreja."

psicodrama". Portanto, através de uma Missa Negra *LaVeyana*, as pessoas sabedoras adquiriram oportunidade para se curarem, experienciando um psicodrama de enlevação, uma catarse de psico-terapia, a fim de libertarem as suas mentes das correntes e dos grilhões de medos e inclinações inconsistentes causados por desdoutrinação e lavagens cerebrais em milhares de anos de religiões. E possivelmente para ter algum divertimento também! •



Escuros Colaterais

Mosath

A definição de negro passa por uma dupla visão, a da ausência de luz e a da supremacia de trevas, ambiente que pode atizar receios primários, pôr a nu existências ou verdades, tal-qualmente disfarçar defeitos.

O negro ou a escuridão em nossa presença é, sem rodeios, uma força intensa, já que condiciona acções e pensamentos. Por outro lado, é um desconhecido conhecido – ou vice-versa – da nossa espécie que tanto nos rouba o controlo da situação, o poder fazer ou ver, como nos remete para a consciencialização íntima, um espelho da alma do corpo rodeado pela escuridade. O negro aparece nos sonhos, no quotidiano e ainda nas sensações, seja pelos orifícios da pele, seja pelos vidros das janelas. Ao ser isto entendido ou assimilado com naturalidade, os olhos são submetidos à penetração do negro e um exemplo flagrante é dar como referência uma película cinematográfica que se desenrola na/pela força da escuridão. Os olhos alimentam-se da imagem, mas neste caso a imagem alimenta-se dos olhos. A escuridão, aqui, a imagem.

Escuro ficcional

Agarro no filme *30 dias de escuridão*, devido, sobretudo, à carga inquietante, quicá claustrofóbica, transmitida a quem assiste ao mesmo, ao invés da

natureza/do género das personagens agressoras/dos vilões. A acção do filme é narrada em Barrow, no Alasca, a cidade mais a norte dos EUA, isolada por 130 km de deserto, e que se vê, todos os Invernos, sem acesso por estradas durante 30 dias, período que o filme retrata. O ambiente começa por ser um enorme manto de neve. No último dia de sol, os telefones aparecem misteriosamente queimados e o último pôr-do-sol, visto por duas personagens masculinas, é uma visão bela, com uma pulsação de despedida do mundo.

Barrow tem poucos habitantes, mas nesta altura do Inverno ainda menos. Um mês sem sol não é para toda a gente. A matança de um cão é só a primeira indicação de que a neve não permanecerá ordinariamente branca. Um acidente de carro inesperado acontece e mais uma personagem a somar aos que ficarão em Barrow, contrariando desagradavelmente os planos da própria até então.

O posto de polícia é um local importante da acção desta película cinematográfica. Novos e mais graves incidentes anormais relatam-se/dão-se. Os vampiros destroem as vias de comunicação da cidade com o exterior – rádios, telefones – e, assim, uma terra já de si isolada, piora ao quadrado. A refinaria é atacada. O circuito informático é descomposto e, por fim, a electricidade destruída.

As pessoas reúnem-se no pequeno restaurante ou nas casas tidas como mais seguras. Eventos violentos levam a que um grupo de pessoas se refugie num grande sótão de confiança e procuram daí sobreviver.

O xerife de Barrow, Eben, e a sua mulher, Stella, organizam o grupo e comandam um plano de fuga aos agressores. A escuridão nas ruas durará 30 dias e dentro dos corpos e das almas das pessoas começa a rebentar em pâ-







nico e insensatez, contrastando com a neve branca pintada de sangue, vigorosamente. O negro favorece os fortes, arruína os fracos, um recreio mergulhado em destruição, caça desenfreada e que altera todas as perspectivas humanas.

Quando surgem os nevões, os humanos aproveitam para avançar, uma metáfora de um objecto de segurança. Paralelamente, no que toca a apelar à segurança, existe uma cena em que uma mulher, de joelhos na neve, chorando na cara de um vampiro, suplica intervenção de Deus. O vampiro lança-lhe um olhar desejoso de sangue, antes de um repleto de curiosidade atónica. Depois da mulher chamar por Deus, o vampiro interroga-se: “God?”, olha para o céu, baixa o olhar, rapidamente, e diz com uma estranha franqueza: “No God”.

O negro assume-se neste filme a um ritmo fugaz e numa potência fatal. Interessante é reflectir acerca de uma população que se conhece por enfrentar todos os anos a chegada do negro, tratando de resoluções e não de pânico, mas que desta vez se vê a braços com a hostilidade, como que se a escuridão abundantemente contínua fosse, unilateralmente, um mero detalhe fútil. Viver tantos dias no escuro é dado a perceber como um algo relativo, especial, passando logo a uma situação aniquiladora. Pensa-se no insólito de uma normalidade insólita que virará chacina.

A escuridão arrasa perspectivas, estraga seguranças e organiza jornadas de adrenalina e temores. O negro, incluído no filme *30 dias de escuridão* assusta-nos e comprova ainda mais os medos do ser humano em perder o controlo das situações, porque é usado como um espelho totalmente cristalino e natural, com o reflexo fidedigno do ser humano que nele se olhe.

Escuro real

Aproveito esta ideia de um grupo de humanos que, a custo, procura sobreviver para avançar para um tópico mais real e afilivo. Os raptos em clima de guerra, o cativeiro em solitárias.

É de conhecimento público, mais ou menos qualitativo, que repórteres estrangeiros ou cidadãos inocentes são feitos reféns em países sob guerra. Não vou, neste caso, discorrer acerca dos motivos e dos nomes que levam a estes actos, vou antes discorrer sobre as situações e os efeitos que experimentam tais reféns.

Sem referenciar canais nem títulos, assisti no passado a um documentário que ajuda a apoiar esta vontade de escrever sobre o escuro. O documentário

propalou-se em duas partes, a primeira das quais apresentara um indivíduo que fora vítima de guerrilheiros que o obrigaram a passar um par de meses em cativeiro, com total privação de luz, em minutos de uma entrevista forte, acutilante e principalmente assustadora. Entre muitas consequências e chamadas de atenção, o entrevistado pôde, humildemente, contar que hoje em dia não consegue conduzir, não se aventura em espaços movimentados como shoppings, cafés ou praias, não esquecendo que lhe é complicado assistir a filmes ou a peças de teatro que bombeiem muita informação em peso. O seu cérebro perdeu capacidades de raciocínio, a sua visão complicou-se e algumas actividades lúdicas são para, presentemente, enterar na despensa, numa caixa qualquer distante... tudo resultado da experiência de sequestrado na escuridade.

A segunda parte exibiu um grupo de investigadores que desenvolveram experiências com voluntários, no sentido de apurar consequências claras e guardar provas do Homem, enquanto sujeito à solitária, à privação total de luz. Procuraram, em instalações seguras e compassivas, lograr uma cópia da experiência, em situação controlada, que o entrevistado da primeira parte do documentário teve em situação real. Não durante um par de meses, mas sim por 48 horas, os voluntários da experiência científica seriam enclausurados em quartos separados totalmente escuros, com câmaras apontadas, tempo que, a alguns voluntários, antes de tudo começar, parecia ser simples e superá-

vel com toda a calma e alegria.

O grupo de voluntários era constituído por três homens e três mulheres, os quais entraram nas instalações de investigação sem perder muito tempo a olhar para as plantas ou para os campos em redor. Antes de cada uma das pessoas se dirigir para o respectivo quarto, uma a uma, foram submetidas a testes. O propósito era de guardar os indícios e resultados que cada um dos voluntários teria antes da experiência de 48 horas sem luz para depois comparar com aqueles que haveriam de surgir, findada a mesma. Um dos testes era de desenho, outro de assimilação de informação e um terceiro mais visual e intuitivo.

No teste do desenho, cada um dos voluntários mostrou as suas habilidades artísticas, criando formas geométricas agradáveis. Nenhum dos voluntários era um Picasso, mas, no geral, os desenhos das pessoas que iam entrar na experiência científica eram bons e, concretamente, de padrões normais.

No segundo teste foi contada a cada um dos voluntários, em separado, uma história muito simples, quotidiana. Importa destacar que a história não continha detalhes de carácter místico ou delirante, era uma história totalmente banal. Especificando e exemplificando, foi contado que um rapaz visitara a sua tia e com ele levava alguns objectos. Cada um dos voluntários, a rir pouco ou muito – dependendo da forma como reagia à história –, ouviu, assimilou e respondeu com perfeição às perguntas que os investigadores formularam sobre a história. Sentiu-se um sentimento geral de vitória fácil sobre uma prova primária.

No terceiro teste, uma folha A4, contendo nomes de cores escritos a cores que não as das próprias cores escritas, aleatoriamente, foi apresentada a cada voluntário. Cada um dos voluntários precisava de ler a lista de cores. O facto do nome da cor escrita estar numa cor que não a que os olhos iam lendo, funcionava como uma ligeira raioeira, fazendo com que os voluntários pensassem por dois ou três segundos antes de falar. Terminado o último dos testes antes da experiência principal, os voluntários, uns levando mais tempo do que outros, leram a lista com bons desempenhos, não se enganando na leitura por causa da atracção das palavras coloridas em cores erradas.

Chegada à parte da experiência, os voluntários foram encaminhados para os seus respectivos quartos. Um dos investigadores, por intermédio de microfone, falou para os quartos, confirmando o início da experiência e que,



***“Agarro no filme
30 dias de escuridão,
devido, sobretudo,
à carga inquietante,
quicá claustrofóbica,
transmitida a quem
assiste ao mesmo, ao
invés da natureza/do
género das personagens
agressoras/dos
vilões”***





a partir dali, não mais contactaria os voluntários, a não ser no final das 48 horas. Todavia, os voluntários podiam e deviam, em voz alta, descrever o que iam sentindo ao longo das horas que se seguiriam, sozinhos e sem ouvirem outros seres humanos.

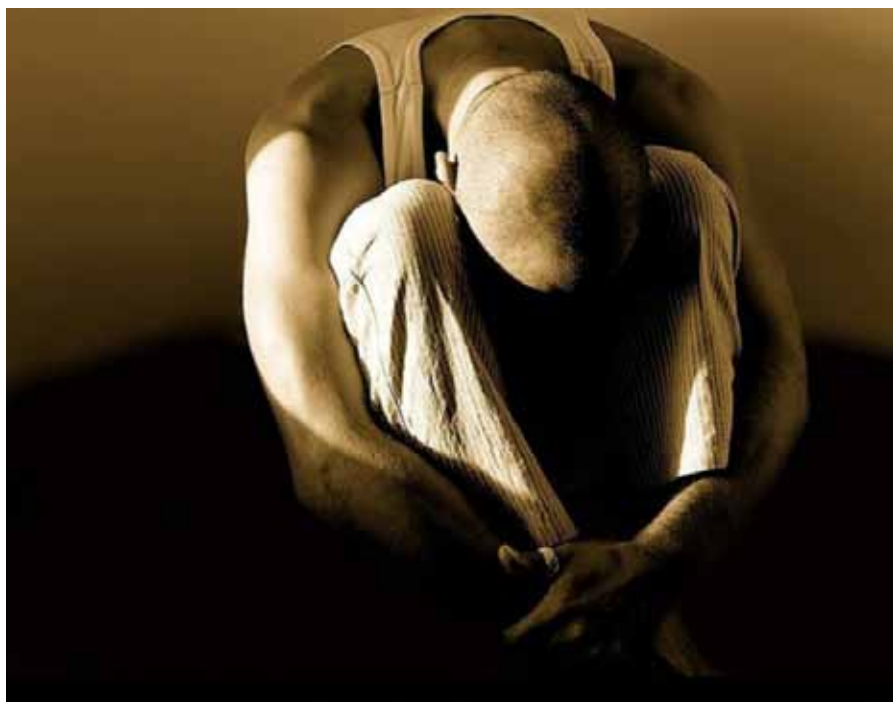
Pôde observar-se que os voluntários que, normalmente, eram mais extrovertidos procuraram instalar-se logo nas camas, almejando uma situação mais cómoda, incrustados na escuridão do local. As pessoas mais introvertidas tenderam para apalpar a área total dos quartos, de alguma forma, ganhando empatia física, ambientando-se dentro da escuridão e, num caso, uma pessoa sentou-se pelo chão e até deu asas ao ioga.

Alguns dos voluntários conseguiram queimar algumas das horas iniciais dormindo, num sono mais ou menos tranquilo. Relatavam aparente à-vontade.

Passadas 12 horas, o cansaço daqueles que tinham gasto o tempo em pensamentos, caminhando da melhor forma possível pelo quarto, acentuava-se, pelo que as frases expressadas para os microfones do quarto eram em tom de aborrecimento e algum tipo de fadiga.

Ultrapassada a fase das 24 horas, uma voluntária mantinha-se deitada na cama, onde, basicamente, conseguia manter um sono constante ou meramente interrompido, logo ia apresentando um comportamento muito calmo. Um dos voluntários, que antes da experiência considerava 48 horas como sendo um obstáculo não muito grave, começava a desesperar por alguma novidade no quarto, fosse alguma companhia, alguma voz, alguma fonte de luz, etc. Noutros voluntários crescia a sensação de torpor, melancolia, angústia, assim como pingavam as primeiras teias mentais de alucinações. Algumas pessoas começaram a ver coisas no escuro. Bichos rastejantes, formas de luz e, num caso, vultos semelhantes a pessoas, apoiados em sons de passos; reacções naturais por parte dos cérebros pela ausência de luz e necessidade de criação imagética. Estas ocorrências provocavam inquietação, medo e, ao mesmo tempo, fascínio aos voluntários que relatavam as mesmas para as câmaras dos investigadores.

Praticamente, registava-se a barreira das 40 horas, quando nos quartos a diferença de estados observava-se com grande expectativa. A voluntária mais calma tentava caminhar pelo quarto, controlando as forças, a respiração e comunicando para os investigadores acerca do que ia pensando, basicamente, pensamentos de estar perdida, confusa, no interior do quarto. Um dos voluntá-



rios mais calmos interrogava-se sobre se já haveria passado um dia ou não, apesar de que suava há muito para que já só faltasse um par de horas até que aquilo tudo terminasse. O voluntário mais agitado suplicava, por vezes, com gritos impulsivos, para que o tirassem do quarto. O ponto geral da situação, a faltar 8 horas para o fim da experiência científica, era uma prova de esforço grande, empenho, desorientação e de um desejo de que tudo terminasse rápido e da melhor forma.

48 horas. Voluntários à beira de um ataque de nervos, esgotados mentalmente e fracos fisicamente. Nenhum deles dormia, alguns estavam colados à porta do quarto com uma das mãos na maçaneta, languidamente. A voz de um investigador irrompe como um relâmpago turbulento e muito perto, através das colunas dos quartos. Informava do fim da experiência, certificava o sucesso alcançado por todos. 48 horas isolados num quarto completamente escuro, prisioneiros. Um dos voluntários, deitado na cama, levantou-se num movimento brusco e assustadíssimo, porque o ter ouvido uma voz após tantas horas funcionou como uma explosão brava no núcleo de todo o silêncio escuro que o tinha torturado. Pareceu um pesadelo, mas era um alívio delicioso, um clímax apoiado em gargalhadas. Os voluntários riam, agradeciam em voz alta e aprumavam-se para perto das portas dos respectivos quartos. Investigadores iam a caminho para os conduzirem a salas intermédias, onde relaxariam e tomariam consciência de si próprios às claras. Sublinha-se que nenhum voluntário se cruzou com nenhum outro, des-

de os quartos até às salas, invalidando assim que observassem que género de expressões faciais possuiriam.

Terminada então a experiência, nos gabinetes de testes, de novo, os investigadores aguardavam os voluntários. Cada um dos testes seria repetido e os resultados anotados, deixando a comparação com os iniciais para o fim. No primeiro teste, uns tiveram mais dificuldade do que outros para ordenar a que a caneta criasse traços pretendidos, mas nenhum dos voluntários conseguiu desenhar as formas geométricas que fosse de um nível aceitável.

No segundo teste, pôde ver-se como a informação da história que chegava aos cérebros dos voluntários, através dos seus ouvidos algo incomodados, os fazia suspirar, coçar na cabeça, remexer-se na cadeira e girar os olhos num sentimento de dificuldade. Quando foram feitas as perguntas, alguns responderam bem à segunda tentativa, outros apenas à terceira ou à quarta. Porém, duas pessoas não conseguiram responder a uma determinada pergunta, mesmo após quatro tentativas, por isso, os investigadores colocaram em cima da mesma a indução ou técnica da sugestão. Ao invés de fazerem uma pergunta com o tom neutro como até então, perguntaram se na história um dos objectos que o rapaz levava consigo não seria a resposta x. As duas pessoas que tiveram a maior dificuldade em ultrapassar o teste da história eram mulheres e, os investigadores com a sugestão quiseram sublinhar estes casos como de fraquezas próprias destes cérebros femininos, já que, após os investigadores sugerirem – induzirem em erro – a



"48 horas. Voluntários à beira de um ataque de nervos, esgotados mentalmente e fracos fisicamente. Nenhum deles dormia, alguns estavam colados à porta do quarto com uma das mãos na maçaneta, languidamente."

resposta x à pergunta, as duas voluntárias tenderam a aceitar o palpite prontamente, dando mais um resposta errada, porque nas perguntas de sugestão, os objectos certos eram em resposta y.

No terceiro teste, nenhum dos voluntários conseguiu ler bem a lista de cores escritas preenchidas com cores erradas, que não faziam parelha. Foi algo constrangedor ver que nenhuma das pessoas conseguia intuir bem o que

via para que lesse a palavra pretendida, apesar de que a atitude dos voluntários fora cómica e desportiva. Aquilo que saía na voz dos voluntários era o nome da cor que dava cor às letras de cada palavra, ou seja, o instinto visual que conhece uma cor por pré-definição, a memória básica visual; ser porque é, as cores não se descrevem, sabem-se, apenas se se conhecer a cor em questão.

A exposição à escuridão por 48 horas, isolamento em solitária, já produz efeitos negativos no Homem. Corrói a capacidade mental, a identificação normal do espaço e tempo, não esquecendo que evidencia os limites essenciais e as fraquezas que mais se podem tentar proibir, interiormente, mas que, neste fenómeno, com uma facilidade brutal são vomitados. Interpretam-se sempre ligações entre as coisas, paralelos, rumos que levam a outros. O negro mistura energias densas e nocivas na base de mudança, num resultado exponencialmente colateral, de averiguação ou dano.

Do ponto de vista científico, temos provas interessantíssimas para estudar e repetir. Do ponto de vista pragmático, o negro em demasia esfolia um ser humano.

Na noite, na escuridão, no negro, deve encontrar-se um balanço, um ponto de harmonia, a fim de retirar-se coisas positivas para nós próprios. Um sentido de introspecção, de responsabi-

lidade, de aclarar decisões, de enfrentar demónios. Metáforas ou vivências. É um lago para tomarem banho, somente aqueles que se sintam plenamente confortáveis, caso contrário afastar-se é o mais sensato.

Finalizando, as ideias voam para um conceito da possibilidade de uma noite com 24 horas, fosse devido a um abismal eclipse ou a qualquer outro fenómeno. E então essas mesmas ideias figuram liberdades anormalmente novas, realizações de actividades intelectuais de um modo mais espirituoso, modos *bon vivant* e, até, ritualismos de um frenesim violento. Essas ideias tocam igualmente resquícios de agradáveis condições climatéricas, nostalgias, companhias ideais, momentos mágicos, sensações de realidade e fantasia embrulhadas, desejos que movimentem o mundo todo. A noite escuríssima pode, provavelmente, ser o espelho mais luminoso de um ego, seja este muito ou pouco iluminado, no sentido em que é, em paradoxo, cristalina. A escuridão é uma das provas de fogo para conhecer e depois superar as fraquezas, na qual embatemos com aquilo que verdadeiramente somos. Intercede, no negrume das palavras, a ideia de quem está solitário, normalmente, não significa sentir-se sozinho, não obstante, serão os solitários quem melhor encontram uma harmonia da solidão na escuridão. Que seja saudável, essa solidão, claro está... longa, bela mas individualmente saudável. •





**Primeiro Estranha-se,
Depois Entranha-se**

Metzli



Estranha-se o negro, a forma como ele se apodera e se espalha, atingindo tudo e todos. Estranha-se a forma como se mistura connosco e como mistura aquilo que sentimos e como pensamos. E por fim estranha-se o modo como se entranha.

O traje académico nasceu na então capital do estudante. Em todas as ruas, nas suas escadarias e nas populares Repúblicas era sentido e vivido como uma forma de crescer e se tornar consciente de si enquanto ser social e ser humano. A camisa, em representação do Povo, lembrava o estudante das suas origens, o modo mais simples de se vestir. O colete, espelho da Burguesia, prometia um futuro mais risinho para alguns. A batina, herdada do Clero e como tal representante das origens do ensino, recordava o estudante de que, por enquanto, era isso mesmo, um estudante.

Ironicamente, apesar de ser criado para mostrar à sociedade que ser estudante era pertencer a uma elite, era ser diferente e ser melhor, o traje acabou por ser transformado, antes disso, num símbolo de uniformização entre os seus elementos. Todos iguais, todos no mesmo patamar, todos de Negro.

Uma vez, uma semi-puto (estudante do segundo ano) foi questionada pelo seu DUX o porquê de estar trajada e de ter aceitado a Praxe. Ingenuamente, a resposta foi “porque o traje é preto” e, ainda que na altura a resposta não tenha soado lúcida, hoje nenhuma outra faria mais sentido, depois de se viverem tantos anos debaixo desta capa que ainda hoje me acompanha.

Um dia, tentamos sair, deixar tudo para trás, terminar e já não somos capazes. O Negro, que foi estendendo os seus tentáculos, já nos tem demasiado agarrados para podermos traçar caminhos diferentes. O Negro que será durante anos e anos o nosso vício. Embora todos à nossa volta nos digam que devemos apostar noutros projectos, o

Negro será sempre nosso.

Ser estudante começou por ser um privilégio, ainda que hoje seja visto por muitos como um castigo. Ser estudante era e é (pelo menos, assim se espera) ser diferente, ser rebelde, ser irreverente e ser o motor da sociedade. Portugal viu nascer e serviu de cenário ao crescimento de um novo estrato social, uma nova forma de vida que desde sempre se escondeu no Negro e teve nele o seu porto de abrigo.

O Negro da noite foi escolhido e fez-se escolher por partilhar com o estudante todo o mistério e indefinição a ambos inerentes. O estudante, filho da noite, outrora de uma cidade distante, hoje de uma imensidão de cidades. Ser nocturno por opção, mas ainda mais por encontrar na noite a paz que a sua alma anseia, a paz de uma cidade calma, por oposição à vida fervilhante que alimenta enquanto há Sol. O prazer de falar baixinho, lamentar a sua sorte, e ouvir as suas palavras serem levadas pelo vento, pelos telhados e aos parapeitos das janelas.

A noite, a eterna conselheira, eterna protectora. Diz-se por aí, por bairros e comunidades de bits onde maioritariamente se perpetua hoje a tradição, que aquilo que temos a cobrir-nos a pele e a alma é Negro para nos permitir esconder-nos na noite, camuflarmo-nos. Sim. É bem provável que essa seja uma das razões. Mas para mim parece-me serem as razões o menos importante, sendo que o Negro vive não de razão mas sim de emoção.

O Negro acompanha o nosso espírito, o nosso choro, porque apesar de sermos os privilegiados somos pessoas eternamente infelizes e insatisfeitas. Inconformadas. No dia em que acharmos que tudo está bem e que tudo está feito e que não podemos pedir ou fazer mais, nesse dia, se ele chegar, estaremos bem longe e afastados do Negro de hoje e de ontem. Estaremos cegos e corrompidos pelos mundos que estão à nossa volta e que, tal como José Régio escreveu, nos dizem “Vem por aqui”. Significa que nós fomos e deixamos de ser estudantes.

Os estudantes vivem das lutas que travam, independentemente do seu opositor. Vive-se de alegrias efémeras, de reconhecimentos insignificantes para os demais e, principalmente, de Saudade. Mas atenção, que ter Saudade, como tantas vezes ouvi e disse, “não é querer voltar ao início, ao ano de caloiro. Ter Saudade é querer perpetuar o choro e a dor da última Serenata”. Não da última a ser ouvida, mas da última, na qual ainda envergá-

“[...] o traje acabou por ser transformado, antes disso, num símbolo de uniformização entre os seus elementos. Todos iguais, todos no mesmo patamar, todos de Negro.”

vamos a capa e a batina, antes de um qualquer Rasganço (tradicional ou metafórico, dependente das academias) nos chegar.

Este Negro que nos alimenta e que é feito de múltiplas partes tem múltiplas cores que se enegrecem e se tentam misturar. Há uns anos atrás pensava que o Negro se vivia em diferentes tons mediante as cores que nos conquistavam e se deixavam conquistar por nós. Hoje vejo que o Negro se altera não com a casa, mas sim com o passar do tempo, e tristemente me apercebo que o meu Negro é bem mais parecido ao do tijolo acinzentado que sempre repudiei do que ao azul que hoje vejo nascer.

Se dizem que a Praxe é uma escola de vida (que o é inevitavelmente), então não soubemos ser bons professores e nem nos apercebemos. E não importa tentar perceber agora se a culpa é nossa ou dos que estão à nossa frente a olhar para o chão. O importante é que o Negro é diferente e dificilmente voltará ao que era, à mui nobre Coimbra, aos círculos fechados, à clandestinidade, ao que fazia de si o estandarte da Juventude...

Ou então continua a sê-lo e é afinal essa Juventude que está diferente, que é diferente. Se calhar ser estudante já não é ser rebelde, é ir com as massas. Poderá já não ser a eterna inconformidade, e ser sim a perda do espírito crítico. Então, já alguém foi por aí e leva o Negro atrás de si.

No meu tempo, quando era eu a andar de capa e batina, nós fazíamos do Negro entrega e tentávamos vivê-lo intensamente porque sabíamos que

iria terminar um dia. Nesse tempo, viam-se praxistas à nossa volta com vontade de estar e de lutar, fosse para perder ou para ganhar. Não havia diferenças, porque o Negro precisa de ambos. Também tínhamos de fazer escolhas, mas não nos era permitido um meio-termo, o “às vezes” ou o “quando dá”, porque dava sempre e se não desse cabia-nos a nós fazer com que passasse a dar.

Todavia a sociedade altera-se e aqueles que nos chegam às mãos também. Naquela altura nós não sabíamos muito bem para o que íamos, porque a descrição era um bem precioso do estudante, mas íamos, e depois de lá estar, sem saber também muito bem o quê ou como, fazíamos. E quando tivemos a possibilidade de delegar, nunca a usamos, porque o Negro tinha de ser absorvido na primeira pessoa e não por terceiros.

Hoje vemos tudo ser delegado e não reconhecemos os estudantes. “*Que gente esta? Gente que vive e não sente?*” O modelo é o mesmo, mas o Negro é outro. Sempre que ouvia dizer os mais velhos que este Negro personificado e materializado era a sua mortalha sorria e tudo me parecia um enorme exagero. Nessa altura ainda se estranhava. Hoje, depois de uma longa caminhada, percebo e concordo. Sempre que um estudante traça a sua capa, seja ela de que modelo for, disso estou certa, vai morrendo, e consigo morre o seu Negro para dar lugar a um outro.

Quanto a nós, ficaremos orgulhosamente de pé, onde estamos, envergando um Negro diferente e fazendo questão de mostrar as diferenças. Muitos irão ver-nos e apelar-nos de antiquados. Nós vamos olhar para eles e sentiremos o desvirtuar de algo a que demos tanto de nós. E ao ouvirmos o barulho de sempre o seu eco será cada vez maior nas nossas mentes e nas nossas capas e deixará um sabor mais e mais amargo em nós.

Cada vez mais vemos que afinal o Negro também serve para ostentações e vaidades, que sempre existiram é certo, mas que hoje se mostram menos pudicas. O nosso Negro, que tanto nos fez chorar e rir e crescer, é hoje como que uma moda, um troféu e um motivo para tirar fotos e pendurá-las na parede e ir almoçar com os papás babados ao restaurante mais conceituado da cidade em alturas de Queima das Fitas.

Chego até a ter saudades dos movimentos anti-Praxe, porque com esses nós lutávamos, mas sabíamos que eram genuínos e, apesar de estarem do outro lado do tabuleiro de xadrez, con-



seguíamos reconhecer-lhes algum mérito por travarem a sua luta, ainda que nos causassem baixas consideráveis. Estes... Estes que hoje se pavoneiam nas ruas com uma capa aos ombros e se dizem praxistas não fazem sequer ideia do que é sentir um trajo, porque apenas o usam, nada mais.

Mesmo assim, há ainda vestígios do que foi a tradição e pessoas teimosas que se recusam a deixá-la morrer. Essas pessoas saem em noites de luar para a cidade e misturam-se novamente com ela, deixando o som dos seus sapatos nas calçadas e pedaços de si (literalmente) nos seus *ex libris*. Ainda há quem seja louco o suficiente para colocar a sua vida pessoal em *stand-by*, mesmo depois de tantos anos, e perder-se no Negro e é por essas pessoas que voltamos sempre.

É certo que a vida académica é dos estudantes matriculados, porque é deles também a universidade, mas se este Negro que vivemos tiver de morrer, então nós morreremos com ele, de pé como as árvores. Porque afinal, “*ser estudante é ter vaidade e mágoa ao traçar a capa*”.

A meu ver, e apesar de aos olhos da caloiira que fui isso não ser claro, na sua essência, ser estudante acaba por tocar em alguns pontos o caminho do satanista. Tal como a rapaziada de capa e batina, também o satanista tem como

um dos principais objectivos evoluir, aprender e ensinar, ou simplesmente crescer. Tal como o estudante, também o satanista se espera inconformado e capaz de fazer mais e de tornar o (seu) mundo à sua volta melhor.

Ainda que nem sempre a realidade seja espelho disso e a sociedade o interprete de forma diferente. Assim como o satanista, também há quem se esconda no Negro da tradição para fazer vingar valores distintos dos originais. E, embora me pareça claro como a água, não poderia deixar de mencionar o facto de muitas vezes os olhares recebidos serem, em ambos os casos, de receio (infundado) e/ou de revolta (ainda que não saibam muito bem porquê).

Quem o é (satanista ou estudante), sentirá sempre, viverá sempre e perpetuará sempre, em cada uma das suas pegadas, os valores da sua causa, marcando assim a sua passagem nos lugares e nas pessoas. Enquanto houver pelo menos uma pessoa a bater-se por isso aquilo que defende não morrerá.

Apesar de tudo o que poderia desvirtuar a tradição, é com o mesmo orgulho com que me apresento como satanista, que dou um passo em frente e respondo a quem me perguntar “*Quid Praxis?*” “*Veterana da mui Nobre Academia do Porto!*” •



Quem tem medo do escuro?

Vitor V.



Quando crianças, ao encontrarmos-nos num ambiente de pouca ou nenhuma luminosidade, acabamos por activar a nossa imaginação e fazer com que vejamos uma série de imagens e figuras assustadoras. O que parece ser algo plenamente infantil está presente em larga escala quando pensamos em Satanismo...

A cor negra desde os seus primórdios, poderíamos dizer, esteve sempre associada ao macabro, misterioso, assustador, desconhecido, etc. Ela sempre se colocou como o pólo negativo dos mais básicos binarismos humanos, isto é, o julgamento de valor sempre

foi o de se considerá-lo como algo ruim, a ser evitado. Se nos remetermos à origem do homem, lá nos tempos da caverna, isto pode até ser facilmente explicado. O negro manifesta-se no mundo físico enquanto ausência de luz, e quando um dos nossos cinco

sentidos perde sua importância, ficamos assim mais vulneráveis aos mais diversos perigos que nos cercam. Se ao pensarmos hoje que um simples caminhar em ruas muito escuras pode fazer com que sejamos surpreendidos por um larápio, imagine isto nos primórdios da humanidade. Até mesmo o simples acto fisiológico de dormir reflete este hábito de “fugirmos” do escuro.

Já quando pensamos em Satanismo, não há como não o associarmos logo a este escuro. A cor negra é uma constante no que diz respeito ao elemento estético da religião, se assim podemos dizer. Naturalmente o negro não mantém relação somente com a nossa religião, pelo contrário, diversas são as manifestações sociais, culturais, e também puramente estéticas que se



valem de toda esta carga da cor. Poderia aqui citar diversos exemplos, desde as fantasiosas missas negras até as camisas de bandas de metal; o leitor de certo muitos destes já os conheceria. O que convém dizer é o que está por trás de cada um deles, o que há de comum nesta opção. Trata-se de valorizar a transgressão, valorizar o oposto, valorizar o contra, reverter o “contexto luminoso” padrão.

Até então, nenhum problema. A cor negra além de levantar toda esta semântica de inversão também acaba até por estabelecer uma marca de identidade bem clara. O azul do céu contrasta muito menos com a areia da praia do que a tinta preta numa folha em branco. Entretanto, é justamente por trás de toda esta temática da nossa cor em questão que se encontra uma série de questões envolvendo a nossa religião.

Para compreendermos estas questões, é preciso inicialmente nos valermos de um simples conceito físico: a cor que os nossos olhos captam dos objectos é aquela que estes refletem. Assim, quando estamos num quarto escuro, não conseguimos ver a cor de nenhum objecto dentro dele uma vez que estes não conseguem refletir as “suas” cores porque justamente não haver luz. Ok, dissemos o óbvio, qual a relação disto com o Satanismo?

Pensando no conceito exposto e indo um pouco além, podemos entender que esta ausência de luz, por conseguinte ausência de cor, é também justamente a *possibilidade* de uma luz, de uma cor. Assim sendo, é por conta disto que podemos “criar” as nossas próprias luzes. Desta forma, a criança, por exemplo, ao manter os seus olhos abertos no escuro, pode acabar por ver formas assustadoras de monstros e outras criaturas que nela despertem o medo. É a sua criatividade actuando e fazendo recortes visuais de modo a construir na sua mente uma exata imagem assustadora. O mesmo acontece também quando nos deitamos no meio de um vasto campo e passamos a ver coelhos, casas e outras coisas mais concretas nos desenhos das nuvens. Nos estudos da psicologia temos ainda o termo específico *pareidolia*, que é, em termos parcos, o fenómeno no qual concebemos a um estímulo aleatório uma determinada significação específica.

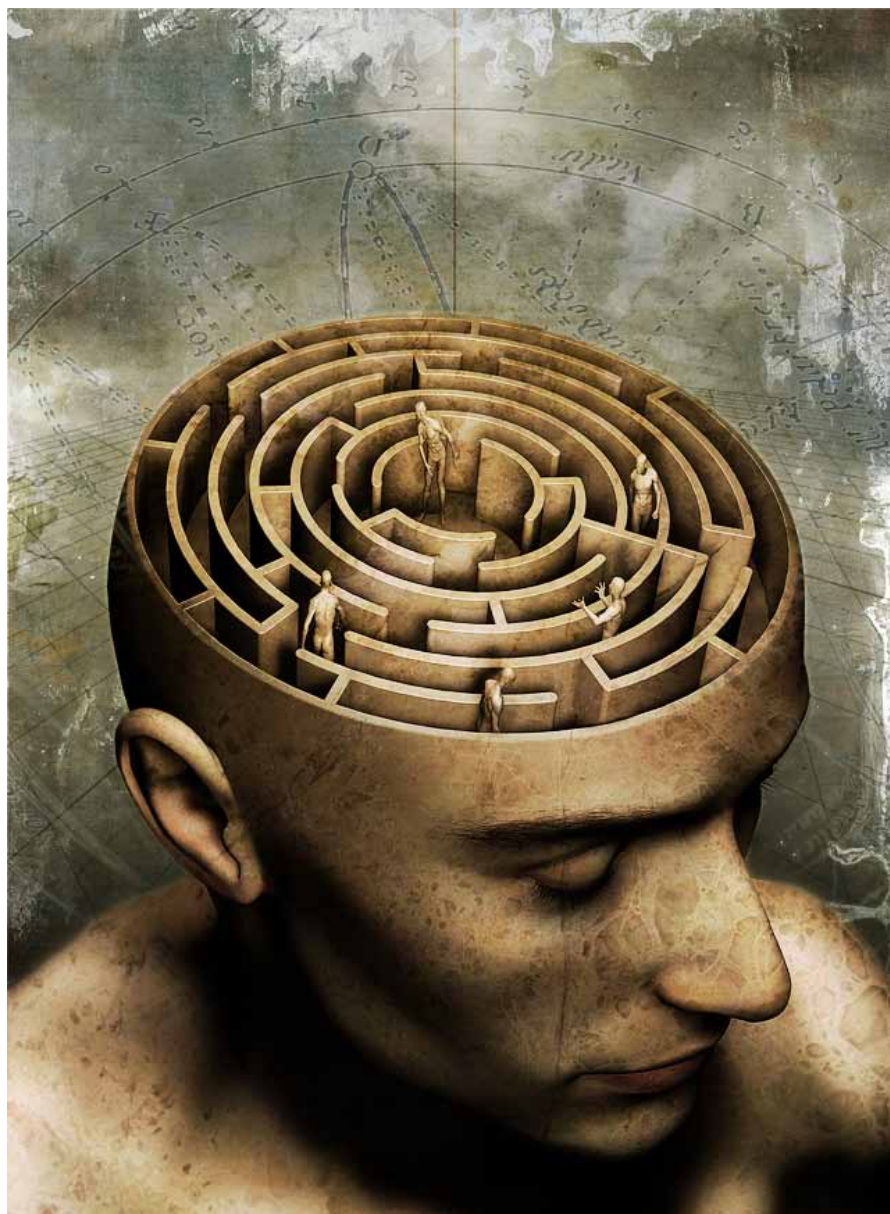
Reparemos que existe então uma relação entre alguém e algo, sujeito e objecto. A despeito de questões epistemológicas plenamente cabíveis em outros contextos, podemos dizer que no nosso em específico, trata-se, por





um lado, de uma determinação do sujeito quanto à natureza do objecto, e, por outro, esta mesma natureza determinada *a priori*, independente deste sujeito. De uma forma mais simples, o objecto é uma coisa específica, sendo esta distorcida por quem o observa. Ou seja, não há nuvens em forma de animais, muito menos a disposição de móveis e outros elementos concretos de um quarto, por exemplo, é determinada a ponto de formar imagens de monstros ou de fantasmas. E então novamente perguntar-se-ia: que tem isto a ver com Satanismo?

Compreender o Satanismo como um sistema religioso é uma premissa fundamental para qualquer reflexão sobre ele. Infelizmente, isto é algo que não se tem feito nas devidas proporções, e por conta disto, muito se diz de modo completamente infundado. Uma religião, enquanto sistema, estruturada de uma maneira tal que vai justamente determinar o que ela é e o que ela não é. Trata-se de uma questão de delimitar onde começa o pensamento X e termina o pensamento Y. Assim sendo, todo o sistema, a partir dos seus elementos e, mais do que isto, da relação que se tem entre eles, possui uma unidade que o difere dos demais. Logo, o Satanismo, a ser considerado pelos seus dogmas, proposições de condutas e valores, propostas ritualísticas e simbologia própria, organiza-se dentro dos seus limites e assume para si uma unidade claramente definida. Esta por sua vez, define-se numa primeira instância pela Bíblia Satânica, e em seguida pelas respectivas produ-



“Logo, o Satanismo, a se considerar por seus dogmas, proposições de condutas e valores, propostas ritualísticas e simbologia própria, organiza-se dentro de seus limites e assume para si uma unidade claramente definida.”

ções de outros Satanistas e/ou instituições organizadas que por sua vez respeitem esta fonte primária.

É justamente nesta questão da unidade religiosa que temos o nosso primeiro problema. Assim como a criança forja cores e formas assustadoras ao adentrar num quarto escuro, também muitos acabam por forjar conceitos, ideias e valores dentro do próprio sistema religioso Satanista. Ou seja, têm-se ignorado os limites dos quais falamos anteriormente e cria-se assim um “novo” Satanismo, determinado individualmente e desrespeitando a sua unidade e identidade inicial.

Um dos motivos que podemos entender como causador desta postura relaciona-se também a nossa temática da cor em questão. Costumo dizer que o Satanismo possui um “manto negro”. Isto, pois boa parte da literatura Satanista tende a valorizar, de forma excessiva a meu ver, a postura

do contra, do rebelar-se, do ataque, da teatralidade, da valorização simbólica, dentre outros. É facto que entre o que o Satanismo realmente propõe e a postura de um adolescente sedento por auto-afirmação há um abismo. Entretanto, há uma ponte que liga ambos os lados. Quando o leigo se depara com a Bíblia Satânica e encontra dizeres fortes e ríspidos pautados em duras críticas banhados de símbolos e imagens “malignas”, mergulha ele num poço de breu, lambuzando-se todo. É justamente a partir desta atracção por toda aquela carga de idéias que o negro carrega consigo, por sinal, trazida antes mesmo de se conhecer o Satanismo, que tenderá ele a limitar-se a ela ou fazer dela meio de deturpação da compreensão do sistema religioso em si. Limitando-se apenas à superficialidade, as questões e reflexões que surgem ao adentrarmos o vasto “mundo de Satan” são deixadas completamente de



lado. Enquanto que vemos aos montes por aí pessoas vomitando coisas como: “quero fazer um ritual satânico ultramalevoloso”, “quero acabar com a Igreja e o cristianismo no mundo”, “eu piso sobre a imagem de Jesus”... E por aí vai.

Entra em seguida no jogo, como o nosso segundo problema, a questão da auto-afirmação. Por não levar em consideração os limites do próprio Satanismo, coloca-se então o leigo numa condição a partir da qual se julga apto para determinar o que é e o que não é a religião, sentindo-se livre para determinar como opera cada um dos elementos do sistema, e, mais do que isto, especificar quais são estes elementos.

Cabe ainda fazer uma ressalva de grande importância. É plenamente cabível considerarmos que há uma diferença entre a unidade religiosa do Satanismo e a respectiva prática individual daquele que optou seguir esta religião. Valorizando este na condição de poder determinar o que é bom ou não para si e o que lhe agrada mais e menos, é natural que cada Satanismo praticado seja único; e até deve sê-lo. Entretanto, as mudanças de foco que se tem nas mais distintas práticas devem dizer respeito unicamente aos seus autores. Isto é, a unidade do sistema religioso Satanista não deve ser abalada, se eu, por exemplo, acrescentar à proposição de conduta individualista que o Satanismo me oferece um determinado pensamento ritualístico oriundo de um outro. Trata-se simplesmente de compreender que o sincretismo religioso, termo este tão comum hoje em dia, deve se restringir a cada um, não modificando assim as estruturas das religiões das quais se vale.

Convém também dizer que não pretendo para o Satanismo uma estagnação. Muito pelo contrário, penso que contextos diferentes pressupõem necessidades diferentes. LaVey, por exemplo, à sua época, via-se na necessidade de estabelecer “a força”, através de muitas críticas e contestações, valores que hoje são normais para nós. Desta forma, o tom de “ataque” fazia-se muito mais necessário na década de 60 do que hoje, com o cristianismo em aparente declínio e a instituição da Igreja perdendo cada vez mais poder diante da sociedade.

Retomando ao nosso ponto, mais do que modificar à sua própria maneira o sistema religioso Satanista, muitos ainda desejam ir mais longe. A necessidade de auto-afirmação é tal que, não basta apenas ter uma visão errônea forjada individualmente do que é o Satanismo, é preciso ainda divulgá-la, sob este rótulo, para todo o mundo. Ou seja, mais do que ver uma face de



monstro na gaveta do armário, a criança ainda jura aos seus pais que lá no quarto escuro havia um. Não à toa vemos hoje em dia uma grotesca variedade de “satanismos” por aí. Satanismo Gótico, eclético, ateuista, humanista, e por aí fora. Poderia citar aqui mais de 10. Sem exageros... E é exatamente por conta destas deturpações que incontáveis incoerências a respeito da nossa religião vão sendo disseminadas pelos mais diversos meios de comunicação; indo de uma simples conversa com aquele seu colega que enche a boca para se intitular satanista, chegando até às “autoridades” no assunto com os seus textos na internet assinados com algum nome em latim ou qualquer outro recurso estético.

Talvez ainda pense: “não precisamos de mostrar as verdadeiras cores do Satanismo para todo o mundo”. E então lhe digo: “mas ora, cabe-nos a nós então permitirmos que reproduzam as falsas?” Não há neutralidade absoluta, ou você é cúmplice, ou você é delator. E no que diz respeito a um pensamento que tanto valoriza o indivíduo como o Satanismo, não me parece muito coerente reduzir as nossas capacidades para encobrir uma preguiça e falta de capacidade e força de alguns com relação a ações efetivas que só tende a nos oferecer melhores.

Assim sendo, é mais que fundamental reforçar algumas posturas básicas no tratamento destas questões. Em primeiro lugar estabelecer a distinção entre a unidade do sistema religioso Satanista e a sua respectiva prática individual. Em seguida, como coloquei anteriormente, compreender que uma releitura da religião se faz necessária para que seja levado em consideração que ela se encontra agora num contexto tal que um excesso de referências “negras” acaba por se tornar o seu próprio veneno, uma vez que muitas vezes acaba por ser ela limitada a estas.

Se o Satanismo se vale do negro constituindo este elemento da sua identidade, pensemos então nesta característica como algo produtivo. Repa-

“Assim como a criança forja cores e formas assustadoras ao adentrar um quarto escuro, também muitos acabam por forjar conceitos, idéias e valores dentro do próprio sistema religioso Satanista.”

remos que, ao mesmo tempo em que temos uma visão individual forjada que vai contra a natureza do objecto, temos também em contrapartida, uma valorização de um outro elemento. Ora, já que a visão ao escuro se torna inútil, qual o nosso primeiro acto para nos localizarmos? Valer-se do tacto, do toque, do sentir as formas, as texturas, o tamanho. É exatamente esta a postura que deve ser exaltada. Mais do que olhar superficialmente e acabar por deixar que a mente crie falsas realidades por conta dos nossos pensamentos, é preciso sentir, pegar, manusear. A forma do objecto será então *definida* pelo tacto e não *sonhada* pela visão.

E se a natureza do negro é a ausência de luz, não pode ele dar espaço a estas luzes forjadas individualmente. Pelo contrário, ele haverá de temê-las. Não será então necessário qualquer tipo de labor em prol de uma divulgação de um “satanismo” pautada pela necessidade de auto-afirmação. Mais do que isto, conservar-se-á ele com todo o seu sedutor mistério. Pois somente adentrarão a caverna de Satan, aqueles que de facto desejarem se lançar num verdadeiro caminho de auto-conhecimento.

O Satanismo não precisa das luzes e cores forjadas na mente dos portadores de visão superficial, muito menos que acendam luzes para indicar caminhos e iluminar o que para eles não lhes é visível. Ao sair, por favor, deixem as luzes apagadas. •



A cor negra no espectro de cores e o simbolismo que carrega

Vulto



O preto é a mais escura do espectro de cores... É definida como "ausência de luz" ou a "mistura de todas as cores" e é ela que absorve todos os raios luminosos, não reflectindo nenhum.

Abordarei, de uma forma bastante sucinta, alguns dos simbolismos que acompanham a cor negra intemporalmente, como o facto de, na cultura ocidental a cor negra estar fortemente associada à morte, às trevas e a todos aqueles conceitos negativos (embora em algumas culturas orientais a cor do luto seja o branco e não o preto). Também para os anarquistas, por exemplo, uma bandeira totalmente negra representa o anti-patriotismo, conceito este que faz parte das suas ideologias. E por último, a utilização da cor negra ligada ao movimento do Rock'n Roll, do Heavy Metal, e ao movimento gótico.

O preto na sociedade

Nas sociedades ocidentais, o negro está sempre ou quase sempre associado à morte, ao luto e à penitência, no entanto com o passar dos tempos, a cor preta como única cor escolhida para vestuário, tem vindo a ser cada vez mais numerosa. "Porquê?", perguntam. A resposta pode ser dividida em duas partes: evolução e moda.

Falo em evolução porque, com o passar dos tempos, tem-se vindo a verificar uma evolução da sociedade, tornando-se assim numa sociedade mais condescendente. É certo que existem casos e casos e, hoje em dia, é bastante normal ver-se um indivíduo completamente vestido de negro, como também é bastante normal observarem-se indivíduos com penteados exuberantes, roupas exageradas ou até mesmo provocadoras.

No entanto, muitas vezes, é tudo por um questão de moda... E atenção, não falo só da cor mais escura do espectro, refiro-me a todas, mas neste caso em especial, debruçar-me-ei sobre a cor negra em específico.

A tal evolução na mente das pessoas fez com que, nos dias que correm, muitos indivíduos sintam a necessidade de chocar ou procurar atenção, ou inserir-se num grupo, afirmando-se como superior (seja lá o que isso signifique), os ditos "carneiros", sendo assim, porque não ser "um revoltado com a sociedade?". Vestir-se completamente de negro é uma moda sem sentimento, que normalmente só é adoptada por adolescentes com o intuito de transmitir respeito e/ou chocar algumas mentes menos habituadas a tal visual, no entanto, existem, como é óbvio, indivíduos que usam a cor negra como uma forma honesta (aspecto bastante importante) de transparecerem aquilo que são, mas disso falarei mais à frente.

O preto como um estado de espírito

Olhamo-nos ao espelho e com os olhos vidrados em nós, observamos a nossa serenidade física, ainda que dentro do nosso ser possam existir tempestades de proporções astronómicas.

A cor negra sempre esteve associado à morte, no entanto, transmite também a ausência de luz, sentimento e vazio.

É uma cor discreta, e quando é usada, não como intuito de seguir uma moda, mas sim de transparecer aquilo que se é, é uma cor bastante honesta que faz transparecer aquilo que o usuário é

(ou não).

Falando agora na minha opinião pessoal, vejo na cor negra (negro, preto, etc.), uma serenidade imensa, paz e solidão (não tem que ser necessariamente um elemento mau ou menos bom), não só na roupa, mas também em todos os aspectos do dia-a-dia.

É sabido que vários mitos, como os monstros debaixo da cama, acontecimentos sobrenaturais são originados através do escuro, da ausência de luz. A verdade é que a nossa percepção para o que nos rodeia é bastante mais activa na escuridão total devido à glândula pineal, que se situa no nosso cérebro, ou então devido ao medo e à insegurança perante a falta de luz. Ainda assim a escuridão continua a ser (para muitos, incluindo eu) um refúgio que transmite serenidade, paz e o convívio com o "Eu".

A cor negra e o preconceito

Falar de preconceito quando eu mesmo referi que a nossa sociedade estava mais condescendente é no mínimo irónico. Ainda assim, uma coisa não invalida a outra, podendo muito bem existir uma sociedade mais livre e com uma maior condescendência e no entanto ainda existir o preconceito, algo que é muito frequente nos dias de hoje. Pode parecer estranho (porque o é) mas





a ignorância e a estupidez sempre foram o pilar de uma sociedade, juntamente com a hipocrisia e cinismo. A questão a que ninguém se digna a responder é: "Porquê?"

Sempre existiu o preconceito, e temo que continue a existir até ao fim dos nossos dias, visto que para uma sociedade "menos desenvolvida de mentalidade", apontar o dedo a quem quer que seja apenas porque sim, é tão normal como o simples acordar, tomar uma refeição, descansar, realizar as tarefas básicas e rotineiras do dia-a-dia, e isto causa (pelo menos em mim), uma repulsa enorme, uma injustiça mas não é nada de novo. De injustiças está o mundo cheio.

Hoje em dia torna-se bastante fácil e comum alguém ser olhado de lado, basta uma simples acção, um simples movimento pois tudo gira em volta do preconceito; discriminação relativamente à orientação sexual de um indivíduo, discriminação face à raça, crenças e vestuário.

Este último e o preconceito face à

raça de certo indivíduo são os que mais interessam (por agora) para este tema, porque quero falar precisamente da cor negra, seja em vestuário ou tom de pele. Quantas vezes se assistem a actos de racismo nos dias de hoje? Quantas vezes é possível ouvir-se falar nesta palavra a cada dia? Talvez vezes de mais...

Atenção ao seguinte: é minha intenção que a palavra racismo sirva (neste texto) para ambas as situações: discriminação em relação ao tom de pele e à utilização de vestimentas negras ou escuras.

Quando no vosso relógio marcarem as 20h00 da noite, dirijam-se a um local de sua casa onde exista uma televisão, reparem nas notícias que entram em nossas casas, notícias essas que nos invadem. Se me permitem exemplificar: "Ontem ocorreu um assalto à mão armada a uma ourivesaria em plena Lisboa, os assaltantes eram dois indivíduos do sexo masculino bem constituídos fisicamente e eram de raça negra." Note como a frase sublinhada dá um sentido mais "trágico" à situação. "Ambos os assaltantes conseguiram

fugir com o que podiam, mas deixaram para trás um rasto de sangue e tragédia. Dois funcionários da loja foram baleados no peito e acabaram por não resistir aos ferimentos, tendo vindo a falecer à chegada ao hospital." Este é um exemplo de uma notícia, bastante triste é verdade, mas a questão que eu coloco é, se um grupo de indivíduos de raça negra assaltar uma loja, ou assassinar alguém, significa então que todos os Homens de raça negra sejam assassinos e/ou ladrões? A resposta é não porque um grupo de pessoas, (neste caso de raça negra), não pode nem deve ser prejudicado e/ou rotulado devido às acções de "um ou dois" inconscientes.

O exemplo que utilizei para comentar a discriminação racial, também se aplica à discriminação pelo uso de roupas que, ao olhar do "racista", são um "atentado visual".

Quero pegar agora num caso bem real. Quem não se lembra do nome António Jorge, mais conhecido por Tó Jó? O "famoso" caso de Ílhavo que chocou a população. Pois bem, Tó Jó foi condena-



do à prisão por ter assassinado os pais, ainda hoje pouco se sabe o que aconteceu, existe de facto uma história muito mal contada, mas isso pouco importa para o caso, ele está agora a responder pelos seus actos.

Tó Jó ou António Jorge (como preferirem) era conhecido por usar o cabelo bastante comprido e roupas negras e após começar a ser considerado o envolvimento do jovem no caso de Ílhavo rapidamente surgiram rumores ligando o jovem a uma “seita satânica”, e a realizações de “rituais satânicos”. Sabe-se que o jovem (que agora conta com 32 anos) era guitarrista e vocalista da sua banda de Death Metal, Agonizing Terror, e que a polícia ao revistar a sua casa encontrou bastante material relacionado com o oculto, inclusive letras escritas pelo próprio Tó Jó. Daí até dizer, com toda a certeza, que o jovem assassinou os pais em prol de um ritual satânico foi um passo. Significa então que todos os músicos de Heavy Metal são assassinos? Mais uma vez a resposta é não. Se tal fosse verdade, então TODOS os músicos de Heavy Metal teriam de assassinar os pais, e como bem sabemos isto não acontece.

A discriminação esteve presente durante todo o processo de investigação, pelo simples facto do jovem adoptar um determinado estilo, o qual a não é “normal” aos olhos da população comum. Fica a seguinte questão no ar: se Tó Jó fosse um “rapaz normal”, que ouvisse e tocasse outro determinado tipo de música e tivesse interesses diferentes aos que tinha, teria sido ligado a práticas de «rituais satânicos»? É pena que todas estas questões aqui presentes, acabem por se tornar em pó, simples poeira do chão. Finalizo por aqui as minhas divagações. Passemos então ao tópico seguinte.

O Obscurantismo

“Quanto menos pessoas conhecerem os detalhes de um processo, menor será a possibilidade deste processo ser propositadamente deturpado.”

Não poderia deixar de falar do Obscurantismo, e isto porquê? Obscurantismo significa o estado de alguém que se encontra na escuridão, de alguém que vive na ignorância. O obscurantismo a nível social, político e cultural é o sistema que nega a instrução e o conhecimento a pessoas com a consequente ausência de progresso intelectual ou material. Na história, existem bastantes exemplos que nos oferecem uma ideia do grande numero de crimes e perseguições de modo a preservar o estado de ignorância e facilitando assim o poder das instituições. Como grande

exemplo temos o fanatismo religioso, a inquisição, as guerras étnicas e as diversas ditaduras... São estes alguns exemplos do que define o obscurantismo.

Não é por acaso que a Idade Média é definida por alguns historiadores como a “idades das trevas”, visto que naquela época a sede de conhecimento era impedida pela própria igreja.

Com isto pode-se afirmar, sem qualquer sombra de dúvidas, que o Obscurantismo é um estado de espírito completamente oposto a razão, é um desejo de não instrução e um estado de completa ignorância, sendo esta uma doutrina contrária ao progresso.

O fanatismo religioso continua até aos dias de hoje a ser algo extremista, rodeado de exageros. Um indivíduo fanático comete actos excessivos, normalmente em prol de uma causa religiosa (um exemplo disso é a Inquisição, onde a imensas pessoas lhes foi negada o direito de se exprimirem, imensas delas foram até condenadas à morte, por oposição aos ideais da igreja católica) e/ou política. O fanatismo religioso é um estado psíquico deplorável, que conduz a acções extremas, interferindo imensas vezes com a liberdade de certos indivíduos.

O Obscurantismo na Idade Média: A influência da Igreja Católica nas Artes Plásticas, na Literatura, na Música e no Teatro.

Durante a Idade Média, entre os séculos V e XV, a Igreja Católica exerceu um forte controle na produção científica e cultura da época.

Esse controle fez com que os temas religiosos predominassem nas artes plásticas, literatura, música e teatro. Sabe-se que em todas estas áreas muitas obras são anónimas ou colectivas.

A arte medieval difere imenso da representação idealizada da realidade, foi criada para exaltar Deus e todos os santos católicos. Nas artes plásticas predominavam os temas bíblicos, sendo a simetria a base das composições e, como não poderia deixar de ser, a arte mais desenvolvida seria a arquitectura com as construções de inúmeras igrejas.

As formas literárias medievais típicas da época em questão eram as novelas de cavalaria, novelas essas que narravam as aventuras de guerreiros, e os temas estão sempre, ou quase sempre, ligados aos cavaleiros medievais, à valentia, à fidelidade, ao soberano e ao cristianismo. Inúmeras destas obras possuem um carácter religioso inegável.

A música medieval é caracterizada pela forte combinação das notas. O com-

“Pode parecer estranho (porque o é) mas a ignorância e a estupidéz sempre foram o pilar de uma sociedade, juntamente com a hipocrisia e cinismo. A questão a que ninguém se digna a responder é: “Porquê?”

positor usava uma escala diferente em função do texto cantado. As principais formas musicais eram as salmódias, cantos de salmos ou parte de salmos da Bíblia, e himnodias, que consistiam em cantos realizados sobre textos novos, que possuíam apenas de uma única melodia, sem acompanhamento. O canto gregoriano, este, sempre em latim, língua oficial do catolicismo, era o único aceite nas igrejas.

É tempo agora de falar da última arte medieval, o teatro. Na minha sincera opinião, o teatro é a mais pura forma de arte onde as palavras e ou acções se tornam verdadeiras críticas à sociedade em que estamos inseridos, como tal tem que apresentar um cariz bastante honesto.

No entanto, tal não se passava na antiguidade. O teatro escrito no modelo greco-romano foi proibido, mais uma vez pela Igreja Católica. No século X, a Igreja adoptou a pregação católica e cerimónias religiosas ao teatro, sendo que os dramas litúrgicos viriam a ser encenadas dentro das igrejas, onde o(s) tema(s) base da(s) peça(s) rodavam em torno de milagres sobre a vida dos santos, a fé, os temas religiosos e o profano e as moralidades (questões de comportamentos).

É possível concluir que na época medieval a igreja teve uma enorme influência e controle nas artes praticadas, levando uma sociedade a acreditar em “verdades”, conceitos e acções totalmente vazias de sentido, impedindo assim ao mero cidadão a busca de informação e sabedoria. •



Cuidado com o Degrau

Outubro

- *Vês alguma coisa?*

- *Eu? Nada.*

- Eu, tudo. Nunca mais me esqueço do sonho: um guarda-fato, com um espelho ao meio, e quatro pés. Punha-me de cócoras e via dois olhos vermelhos lá ao fundo. Tentava acender as luzes e nem uma porcaria de uma lâmpada funcionava. Mas tinha tudo a ver com o medo de que não funcionassem. Ainda hoje detesto lâmpadas fundidas...

- Mais tarde, quando me apetecia pintar, cobria a tela de negro e ficava a olhar para os reflexos, as impressões do pincel, as nuances invisíveis do negro como quem olha as nuvens, até que estes me devolvessem uma imagem secreta. Depois pintava o que via. Foi nessa altura que aprendi a extrair do negro a ideia de que dele poderia explodir... tudo. Como aquelas coisas que vemos, de olhos fechados, antes de adormecer. (Depois veio o *National Geographic* e os mergulhos virtuais no universo interminável. A prova de que estava no bom caminho).

- Ainda mais tarde, aprendi que a roupa preta, tinha a vantagem de poder ser vestida à exaustão. O poliéster tende a resistir mais que o algodão, que fica ruço, puído etc. Mesmo duvidando da teoria de que o negro do cigano é menos negro que negro do aristocrata, sempre impecavelmente fechado, por achar que a única diferença entre ambos residia no facto de o vestirem menos, aceitei a ideia. Mais importante ainda: Ficava-me (e ficame) terrivelmente bem.

- Convencida.

- Depois reparei que os sítios escuros congregavam gente escura que gostava de se esconder sob as sombras e a espessa parede das guitarras.





O que me agradou de sobremaneira e ia totalmente ao encontro das minhas incursões nocturnas, em estado de invisibilidade.

- Em época de desgostos de amor, quando decidia fazer das compras uma catarse, tinha acessos de insegurança, exacerbados pela péssima luz das cabines de provas (que me despiam, antes mesmo de eu me despir) pela alegria salubre da paredes tipo *hacienda* Mexicana dos centros comerciais, as suas casas de banho ofuscantes com torneiras fuinhas e montras furta cores, que me faziam considerar por instantes a hipótese de lhes pegar fogo, antes de regressar a casa, meia hora depois – de mãos a abanar mas menos infeliz – de regresso às luzes de 25 watts, *abajours* escurecidos pela nicotina e sofás de veludo, apaziguadoramente negros do meu apartamento.

- Será que o comodismo se veste de rosa *shocking*? – perguntou Resto de Mim.

- Isso pensei eu a meio do subsequente ataque de preguiça. Seria esse outro sofisma do negro? Pensar nele como convite expresso à imobilidade e ao silêncio?

- O que querias tu afinal? – perguntou Resto.

- Um mercado remoto de veludos e sedas. Ser transportada numa liteira, a comer uvas, mercadores para me servir, em vez de caixeiros pífias, com quilos de maquilhagem e um pendor para a antipatia. Dia e noite de preferência.

- Que ideia mais reaccionária, num momento de crise como este. – disse Resto.

- Justamente. Em mim o negro reúne também o direito à preguiça, esse obscuro langor, mordomias à luz de velas, compassos e gestos lentos. Nada de estridências, néons, sopa de pé, ou bichas de pré-pagamento. É nisso que se gasta dinheiro, o luxo produz-se, com imaginação e bom gosto, entendeu sua besta?

- Então e a pateta alegre eufórica, extravagante e hiperactiva onde a metes, nesse cenário? – perguntou Resto.

- Isso é problema teu. – disse Eu, descartando-me rapidamente da incongruência.

- Ah, mas reservas-lhe espaço.

- Absolutamente, imagina-me só indolente. Gosto da tua companhia, sabes?

- Mas tens de admitir que esses góticos às vezes exageram, não?

- “Isso não são góticos”. – disse eu, desdenhosamente, repetindo o que todos eles dizem, perante a afronta de alguma caricatura mais ingrata.

- Mas era uma verdade incontestá-

vel, ainda que o rótulo fosse um nadinha redutivo. Numa época de boémia nocturna, que pressupunha uma viagem infindável, por antros diametralmente opostos, comecei a ver no negro uma parede de tijolo de cabelos crespos. Talvez estivesse farta. A verdade é que os seus antros emblemáticos pareciam congregiar assembleias de monos sorumbáticos, que da assembleia colorida de monos pastilhados, ou da assembleia anticéptica dos monos da t-shirt e top de lantejoula, pelas quais passava a seguir, apenas diferiam na cor. Tomada do espírito de contradição que me é próprio, sempre que me farto de me deixar embalar nas qualidades de alguém, seja por lhe começar a ver defeitos, ou por puro tédio, comecei a olhar as saias espessas de veludo e os cabelos-ventoinha como um departamento paralelo ao dos balcões de alumínio e o das estridências dos humanos furta cores obstipados com o Sporting-Benfica. Quer dizer: Dar marteladas na sapateira, de boné cor-de-rosa, com pauzinhos a segurar as pálpebras, não seria o mesmo que comer *taufu*, com pauzinhos a segurar as pálpebras, vestido de preto da cabeça aos pés?

- Esses góticos andam a apanhar do ar...

- Um olho gótico te dou eu, não tarda! Importas-te de te calar, Resto? Dizia eu... (poupa-me a essas banalidades, por favor...).

- O neg...

- Chiuu! Deixa-me dissertar. Negro é ver o azulão da madrugada em noites de Abril subitamente quentes como esta. Não era apenas a noite, era a viagem da noite para o dia. Esgotar o negro. Viajar no meio de rostos. Porque será que me apetecia esgotá-lo, Resto?

- Ah agora já queres que fale? Porque “esgotar” é uma palavra frequente no teu vocabulário, obviamente.

- Na altura sim. Agora...

- Estás mais velha.

- Sim. É um facto. A minha última teoria é a do camaleão. Gosto de marisco num Domingo preguiçoso, gosto dos antros escuros, dos precipícios, das montanhas, das planícies, das tempestades, da calma e dos caminhos floridos em mim. Ser negro é como a tela dos meus quadros. Um universo ilimitado, de onde pode surgir um par de olhos vermelhos, um soutien roxo, rendado, uma magnólia, ou um sorriso descarado.

- O neg...

- Cala-te. Recuso-me a vê-lo como mais um horizonte vedado. Depois desse conceito ultrapassado talvez... aconteça algo. Antes disso, resumem-

“A obsessão com o sobrenatural é tal, que os “demónios” lhes inundam o mercado de material duvidoso e andam para aí intoxicados, a pairar, a esbarrar com entraves sociais, perfeitamente contornáveis...”

se a entidades desesperadas. Simulacros. Seguidores monocromáticos da imensidão.

- De pés enterrados no chão.

- Curiosamente não.

- Ai não?

- Não. A obsessão com o sobrenatural é tal, que os “demónios” lhes inundam o mercado de material duvidoso e andam para aí intoxicados, a pairar, a esbarrar com entraves sociais, perfeitamente contornáveis (só porque gostam).

- Se ao menos usassem as asas e os caninos de polipropileno, decentemente...

- Mas a natureza é impiedosamente benévola com eles.

- Impiedosamente benévola? Mais uma das tuas contradições? Explica lá isso.

- Logo que sejam miseravelmente enganados, assumem uma posição radicalmente oposta e de caminho casam-se, engordam, reúnem-se às hostes furta cores e passam a frequentar o centro comercial e a martelar a sapateira (coisa que eu já faço).

- Afinal estás de acordo comigo.

- Nunca disse o contrário, só não passo a vida armada em advogado do diabo como tu.

- Está a ficar escuro, mas eu gostava de continuar a apurar a minha visão nocturna. Queres que acenda a luz?

- Como queiras, mas se quiseres continuar às escuras, tem cuidado com o degrau. •



PELA PRIMEIRA VEZ NO CONTINENTE, EM DUAS DATAS EXCLUSIVAS,
A LURKER'S REALM TEM O ORGULHO DE APRESENTAR:

The Joy of Nature

2 DE JULHO

CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA
LISBOA

primeira parte: plateau omega

3 DE JULHO

FÁBRICA DO SOM
PORTO

primeira parte: terra oca

BILHETE 10 € COM OFERTA DE CD - DISCO DISPONÍVEL EM EXCLUSIVO NESTES EVENTOS
EDIÇÃO DE THE JOY OF NATURE, EM EMBALAGEM ESPECIAL, ASSINADA E NUMERADA,
INCLUINDO UMA LEMBRANÇA AÇORIANA. PRÉ-RESERVAS - LURKERSREALM@GMAIL.COM

THE
CREEPY
BOX

LURKERSREALM.BLOGSPOT.COM

FÁBRICA DO SOM